

CONSERVAS

R

ANO VI
N.º 69

SETEMBRO
1 9 4 1



LITOGRAFIA EM FOLHA DE FLANDRES

AMORIM & AMORIM, L.^{DA}

BIBLIOTECA MUNICIPAL FLORBELA ESPANCA
DATA 2007.01.18
REGISTO 0003.813 PANCA
COTA 501.100.000.000

Avenida Menéres, 542

MATOZINHOS

TELEFONE, 329-M

FÁBRICA DE LATAS

ACTIVA

FABRICA DE CONSERVAS J. SERRANO JUNIOR

MARCAS = ACTIVA - BORITH - LALITA - LEIXÕES - TULLIA - BAYADERA

AVENIDA MENÉRES, 314 - RUA MOUSINHO DE ALBUQUERQUE, 397
MATOZINHOS (Portugal)



FABRICA DE CONSERVAS
MATOZINHOS (PORTUGAL)

IMPÕE-SE PELA
QUALIDADE
DO SEU FABRICO





AVENIDA MENÉRES, 101
MATOZINHOS-PORTUGAL

Fabricantes de Sardinhas

NAS MARCAS

em azeite e em tomate

«SARDINAL»

«4SSSS»



Affonso Barbosa & C.ª, L.ª

AVENIDA MENÉRES, 101
MATOZINHOS

TELEGRAMAS
FONBAR

TELEFONE
75 - M

MATERIAS PRIMAS PARA A INDUSTRIA DAS CONSERVAS

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Sociedade la Artística

LIMITADA

Manufacturas
de
Borracha

FÁBRICA DE ANILHAS DE
BORRACHA PARA O FECHO
HERMÉTICO DAS LATAS
DE CONSERVAS E CHAVES
PARA AS MESMAS.

Valença do Minho

A SOCIAL

Capital Esc. 500.000\$00

Comp.ª Portuguesa de Seguros

S. A. R. L.

SÉDE:—Rua de Cândido dos Reis, 42

PORTO—(Palácio Conde de Vizela)

Pósto de Socorros:

PORTO — Rua de Cândido dos Reis, 42

GAIA — Rua de Cândido dos Reis, 191-193

MATOZINHOS — Rua de Roberto Ivens, 429

Preferida pela organização
da sua assistência para os

Seguros contra desastres no trabalho

Sociedade de Conservas A UNIVERSAL, L.^{DA}

USINE SUR LIEU DE PÊCHE

Produits de Choix



TELEFONE, 98-M
TELEGRAMAS: UNIVERSAL

L'Universelle
Zélia
Rosália

FABRICANTE
DAS MARCAS

Mindelo
Orbela
Atraente

Matozinhos

Rua do Burgal, 24-70
Rua dos Camachos

Portugal

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Fábrica de Conservas de PARAMOS, L.^{DA}

Marques déposées:

*Paramos
Bristol
Dulce
St. Georg
Invicta*



Rua Conselheiro Costa Braga

MATOZINHOS

P O R T U G A L

Adresse télégraphique: **PARAMOS**

Téléph. 222-M



FLORBELA ESPANCA
MUSEU MUNICIPAL DE MATOSINHOS
GRUPO HISTÓRICO

EMPORIUM



ESPANCA
PAL DE MATOSINHOS

LUIZ VIANA

EXPORTADOR

Matosinhos

OF ARTISTAS REUNIDOS

CONSERVAS

PROPRIEDADE DO GRÊMIO DOS INDUSTRIAIS DE CONSERVAS DE PEIXE DO NORTE

Redacção e Administração: Rua Brito Capêlo, 1211—Telefone, M-359—MATOZINHOS

ANO VI SETEMBRO 1941 N.º 69

DIRECTOR E EDITOR: ABILIO C. SILVA

ADMINISTRADOR: J. A. TEIXEIRA RÉGO

Conselho de Direcção

José A. Mora
Ernâni Gomes
Joaquim Maia

COMPOSTA E IMPRESSA NA TIPOGRAFIA LEIXÕES—R. BRITO CAPÊLO, 251—MATOZINHOS

Prêço da Assinatura:

Para Portugal e Espanha 75\$00

Para o estrangeiro 100\$00

(POR ANO)

Os artigos assinados
são da responsabili-
dade dos seus autores

Visada pela Comissão de Censura



COOPERAÇÃO CONSTRUTIVA

Ilusões Perdidas

Por José A. Mora

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

DIZIAMOS ontem... que se iam vender os 10.000 metros quadrados de terreno que os industriais de Matozinhos haviam adquirido para ali estabelecerem a projectada «Creche-Escola-Maternidade», como monumentos a erguer para que o futuro, outras gerações e outros homens soubessem do amor com que se procurou fazer uma boa obra social.

O anúncio apareceu. A venda vai realizar-se. As ilusões são, no dizer do poeta, como as fôlhas das árvores que no outono caem, saltitam com o vento e, por fim, se perdem arrebatadas pela sua inquietação.

Sonhar o Bem não deixa de ser uma felicidade para quem põe à prova o seu coração.

Despojar o humilde daquilo que nós sonhámos para êle, com possibilidades de lh'o materializarmos em factos, já não sabemos como o adjectivar, ou, se o sabemos, lá fica guardado na nossa consciência para lhe chorar a adversidade.

Perder a ilusão é assim como cair-se vencido e inclinarmo-nos diante do passivismo já de si tão aceite pela generalidade da gente.

Quando sucede acalentarmos uma ideia cujos benefícios são exclusivamente para os nossos semelhantes, e esta se perde nas encruzilhadas do desvio ou na tibieza do desdem, sentimos como se a nossa alma se rasgasse e, assim ferida, pretendesse gritar e gritar.

Disse Salazar que «enquanto houvesse um lar sem pão a revolução continuaria», e que a assistência social deve dirigir-se à família e cooperar com ela.

Pelo nosso modo de ver, a assistência deve ser preventiva, e a nossa concepção ficou bem gravada na «maquette» que em tempos foi exhibida ao público. Fazíamos dêsse modo assistência social puramente corporativa, o que não impedia que fôsse superiormente coordenada e orientada para melhor cumprir os seus designios. Tínhamos a possibilidade e o desejo de fazer bem e existiam os elementos necessários para consolar algumas dôres, faltando só harmonizá-los, fundi-los e executá-los.

A indiferença provocou desdem; o desdem originou extravio e insensibilidade.

Concepcion Arenal disse que é nosso dever procurar aos desválidos a maior sôma

de bem possível; e era isto o que nós pretendíamos para evitar a dôr naquêles limites razoáveis.

Em todas as sociedades há muitas vozes que choram, rezam ou blasfemam, mas sentem, e os seus sentimentos não traduzem males sem remédio ou males sem consôlo mas sim necessidades ás quais não é edificante deixar de acudir.

Combatemos porque nem a atmosfera nem o coração humano se purificou sem tempestades, e se a origem das virtudes a encontramos na dôr, e a da abnegação no sacrificio, a da compaixão nas penas, e a do perdão nas ofensas, justo é que ponhâmos da nossa parte todo o amor capaz de contrarrestar a série infindável de amarguras corrigíveis que passam a nosso lado e que trazem o sêlo augusto da família.

Não nos arrependemos de quanto havemos feito em prol da «Creche - Escola - Maternidade», porque somos homens morais aptos a vencer, a sacrificar-mo-nos a compadecer e a perdoar, procurando o bem por sentimento de justiça e por espírito de ordem, ainda que tanto nêste como noutros muitos casos o que importa é fazê-lo.

Para que as faculdades do homem se ponham em acção construtiva é necessário picá-lo, e êste é o nosso fim: que não abandone as boas obras; que não caia na indiferença: que lute. O instinto faz-nos aproximar do nosso semelhante para lhe prodigalisarmos o nosso consôlo. O sentimento sente um impulso mais constante e profundo que nos recorda o desditoso mesmo sem o ver. E a razão medita, calcula e combina meios de remediar os males possíveis. Eis aqui os elementos do Bem que, se é raro encontrá-los num só indivíduo, não é difícil que se achem latentes na colectividade, de cuja acção resulta a harmonia.

Estimular as boas disposições que animaram os que assentavam os alicerces de uma grande obra social, é o que se devia

esperar. Infelizmente, e com sincera pena o dizemos, não foi assim, e os industriais que haviam de vigiar pelo bom funcionamento da «Creche-Escola-Maternidade», projectada com tanto amor, caem na indiferença não sem deixar de saber que não é possível marchar por um caminho que o engenheiro acaba de traçar. Sem traçado não há caminho, mas com traçado só não se pode caminhar, e êste é o nosso caso. Entretanto, quem o necessita não recebe suficiente socorro, e os ditosos acostumam-se a não se compadecerem.

E' velha a reflexão de que pela mais santa e sublime das harmonias não se concebe o amor de Deus sem o do próximo. E' uma lei moral que os laços se afroixam à medida que se estendem. O homem é apático e apesar de possuir uma intelligência tão elevada faz poucos progressos no caminho da firme vontade e da abnegação—consumindo na inacção as suas faculdades mais nobres, ou abatido talvez por elas.— Assim os há que sentem as sublimes harmonias do bem, que olham o crime com assombro, o vício com lástima e a dôr com pena, mas têm pouca vontade e parecem insensíveis.

Na «Escola-Creche-Maternidade» se exercitariam as faculdades úteis dos pequenos e todos os bons instintos que a educação aperfeiçoa; e enquanto às mães, se evitariam tantos casos que trazem consigo a morte por falta de apropriadas condições para o parto.

Vende-se o terreno e com êle se vão os alicerces de uma grande obra.

Como no mundo se pensa muito nos meios de fazer mal e muito pouco nos de fazer bem, que ninguém ignore os bons propósitos dos industriais do Norte que se derrubam e se perdem, como geralmente se perdem as ilusões mais caras, sem que lhes faltasse a boa vontade.

José A. Mora



FLORBEI
BIBLIOTECA M...
ARQUIVO HIS...



ROSAS

E

ESPINHOS

NOTÍCIAS fidedignas permitem-nos hoje oferecer aos industriais conserveiros uma «rosa» de agradável aroma, entre os espinhos desta vida que tantas vezes são cortados pela mão soberana do censor. Referimo-nos à organização de uma empresa que tem por finalidade fabricar fôlha de Flandres em qualquer localidade portuguesa. Naturalmente que é muito grande a nossa satisfação, por conhecermos os preparativos que estão em organização.

Humildes apoloístas desta indústria de altos vãos, que temos vindo preconizando há vários anos, sentimos vivo interesse por ela, já que nos livraria da tirania de depender de outros países, e também porque representaria, não só um engrandecimento nacional, mas também uma prova irrefutável da vitalidade do nosso país.

As nossas indústrias Conserveira e Salazoneira ficarão devendo grandes benefícios a essa empresa que, com sincero patriotismo, pretende realizar ou converter em factos o que tantas vezes aqui temos solicitado.

Não sabemos se isto se chama *autarquia*, mas o nome, como o perfume das rosas, não faz ao caso, pois o que é interessante nestas é o cheiro; quere dizer, que o seu aroma embalsame o nosso ambiente um pouco carregado de outros cheiros indecifráveis.

«Conservas» dará notícias complementares em momento oportuno.

Hoje limitamo-nos, cheios de alegria, a proclamar que o facto tem visos de próxima realização, e como aquêlê que para pagar uma conta fez telintar uma moeda de ouro sobre o balcão, diremos: por hoje contentem-se os amigos com o som.

* * *

Andam os salazoneiros perple-xos e medita-bundos porque se lhes anunciam

medidas que cortam a sua liberdade de exportação—e encontram-se dentro da lei que rege a organização conserveira como um cúmulo de deveres sem uma contrapartida de direitos. Nós tivemos ocasião de lhes dizer que a organização da sua classe não está terminada; vai pouco a pouco avançando, e quando chegar ao fim terão chegado os direitos.

«Escolhemos—dizem êles—os directores dos Grémios de conservas com os nossos votos, mas a nossa defesa perante o Conselho do I. P. C. P. não é feita por um salazoneiro que conhêça e saiba da nossa vida».

Nós entendemos que uma indústria representada por 117 firmas devia ter mais direitos inerentes à sua organização, e que deveria constituir-se em Grémio separado do dos industriais de conservas, pois que embora haja certa afinidade entre as duas—porque ambas preparam peixe—são indústrias perfeitamente distintas.

Consideremos, portanto, que estão em *período organizador* e que lhes será dado tudo aquilo que o corporativismo dá às classes gremiais.

Em todo o caso, como estas sugestões devem nascer daquêles que têm verdadeiro interesse e sabem o que necessitam, oferecemos-lhes as colunas de «Conservas» para que aqui façam as considerações devidas.

* * *

Há muitos anos que somos conserveiros e notamos que é este o ano em que o peixe chegou ao preço mais elevado.

Dizemos isto porque se há quem contrata conservas e as quer receber, já sabe que tem de abrir os cordões à bolsa; isto é pagar mais.

* * *

Decididamente, e disso estamos bem persuadidos, não podemos passar de libadores do mel das rosas de Santo António, aquelas rosas que não têm espinhos.

Em vista do que desistimos das rosas com picos e, como reparasteis, ver-lhes-eis a côr mas não lhe podereis aspirar o perfume—que é como passar por um jardim à distância.

* * *

Até princípios de Setembro, a sáfra pesqueira foi má. O chicharrito inundou a nossa lota, e a sardinha perseguida por aquêl pequeno diabo, foge para as profundezas do mar para contar a Neptuno o que se passa na superfície.

E Neptuno dirá! Pois, minha cára petínga, como queres tu viver em paz, se os homens, que se dizem muito mais inteligentes do que tu, se tornam loucos para ver como hão de destruir-se mais depressa e melhor!

E responderá a pequenina clupea:

—Sim, está bem, mas nós somos nós e os homens são os homens.

* * *

Dantes choravamos pela falta de fôlha de Flandres, agora choramos pela falta de sardinha; amanhã choraremos porque as 36 chagas de San Josino são poucas chagas, e assim, estaremos sempre com as lágrimas nos olhos.

?Não vos parece que chorar é bom para as petíngas?

* * *

E contudo isto ?que será de nós se em 1942 ainda dura a guerra, a fôlha continúa *navicertada*, as sardinhas se declaram em greve e a fábrica de fôlha em que falamos não se estabelece ainda?

?E que será dos pobres exportadores de conservas quando conhecerem por si mesmo as consequências da sua obra?

?E que faremos nós para receber a paz com a justa e fervente alegria que ela produzirá em tôdas as almas?

?Como nos preparamos nós para a festejar?

?Onde estão as nossas previsões para o post-guerra?

* * *



Já lhes falamos da caixa de Pândora, da caixa misteriosa, e das caixas de conservas. Da caixa de Pândora saíram todos os males que afligem a humanidade; da caixa misteriosa saiu a explicação do mistério que guardava o menor peso, e das caixas de conservas sai a alimentação de muita gente. A primeira é mitológica, a segunda é

pura materialidade, e a terceira contém um conjunto de vitaminas que muitos querem obter por meios indirectos, mas a que não sabem dar o valor qualitativo e científico que elas teem.

Que não lhe dão o valor qualitativo, é já um axioma.

E segundo as reflexões que Frei Nicasio faria: ficarão sem vitaminas.

* * *

E já que falamos em linguagem rosada, permitimo-nos anunciar que em breve receberemos de um poeta e conserveiro um «Canto à Sardinha» para o nosso concurso de «Ideias Novas».

Guedes & C.º Ltd.

SARDINES IN OIL



the brands:



GUEDES

RIVAL

OURO DO MAR

RABELA

FELGAS

CRUZADA

DALILA

are O.K.

MATOZINHOS
PORTUGAL

TELEGRAMAS: *RIVAL*
MATOZINHOS

FLORBELA ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTORICO

Fábrica de Conservas "NUN'ALVARES,,

As Conservas que todo o Mundo pede

Lage, Ferreira & C.^a, L.^{da}

MATOZINHOS—PORTUGAL

REGISTERED BRANDS:

LAGE

CIDADE

NUNAL

CONDESTAVEL

CADEAU



O sonho do infante:

Conservas
"NUN'ALVARES,,

Sweet dreams:

Preserves
"NUN'ALVARES,,

BONELESS & SKINLESS SARDINES — ONE OF OUR LINES.

CUNHA FERREIRA J. Vieira Coelho, Silva & C.^a, L.^{da}

CASA FUNDADA EM 1880

Teleg.: BREVETS

Telefone, 2 5034

Litografia e Fabricação Mecânica
de embalagens em fôlha de Flandres

Escritório e Fábrica:

RUA DA MEDITAÇÃO

Telefone
15.106

PORTO

Marcas e Patentes

em Portugal-Colónias-Estrangeiro

Correspondentes em todos os países

Largo do Corpo Santo, 27—LISBOA



Sardinhas Portuguesas

Endereço teleg.: LUÇAS
Telefone, 118-M
Apartado n.º 6

Luças

Códigos } Ribeiro
 } ABC 6.ª Ed.
 } Particular

Joaquim Ferreira Pedro Luças & Filhos

Espécialité en sardines pressées et anchoix en saumure

Marques déposées:

**MAURÍCIA
LUÇAS**

**MATOZINHOS
Portugal**



Fábrica de Borracha
LUSO-BELGA

DE
VICTOR C. CORDIER, L.^{DA}

Rua do Açúcar, 78 Beato-LISBOA

Manufatura
geral de
artefactos
de borracha

JUNTAS PLÁSTICAS para vedação de latas
de conserva. BLANCHETS para Litografia

CALÇADO DE BORRACHA
VULCANISADO **"LUSBEL"**

BOTAS ALTAS ENVERNISADAS para homem,
senhora e criança. Para pescador (cano até
ao joelho, meia côxa e côxa inteira)

GUARNECIMENTOS DE CILINDROS

SEVERO RAMOS, L.^{DT}

PORTIMÃO
PORTUGAL

Fabricants - Exportateurs

de

Conserves de
Sardines,
Anchois

et

Filets de
Maquereaux

Marques Déposées

Splendour

Rosebelle

Marco Pollo

etc.

Télégrs. "SEVERO" - Portimão

LUSBEL ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

Fabrique de Conserves **"A BOA NOVA"**

Maison fondée en 1920

José Rodrigues Serrano
& Filhos, L.^{da}

237 Rua Conselheiro Costa Braga 299

Telefone, 99-M Telegramas, RESSANO

MATOZINHOS

FUNDADA EM 1920

CONSTRUÇÃO MODERNA
INSTALAÇÕES HIGIÉNICAS
E MODELARES

Marcas:

SERRANO

BOA NOVA

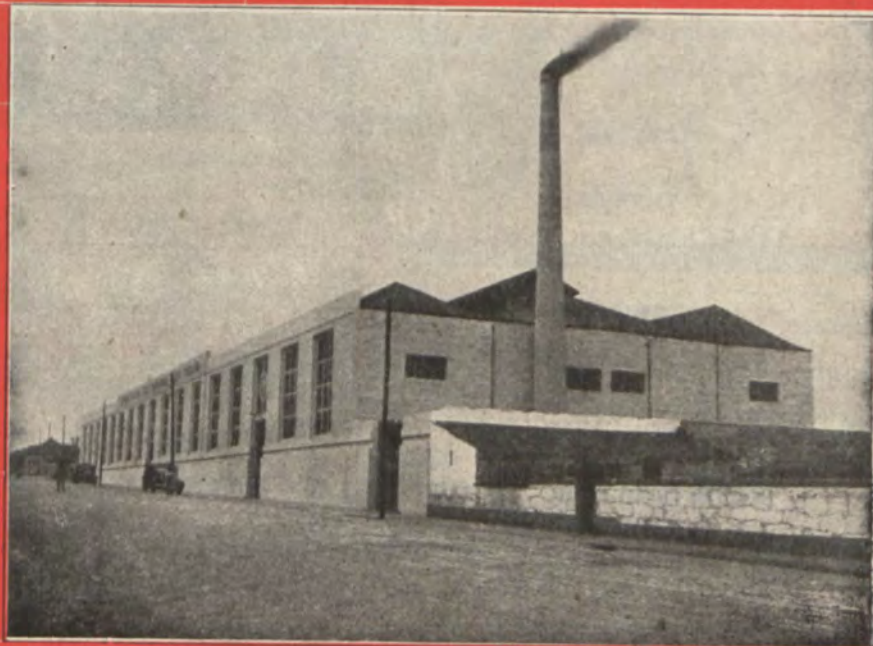
ALSTER

IDEAL

ALTA CLASSE

ORGUEIL

RHENANIA



Fábricas na Avenida Menéres e Avenida Serpa Pinto

MATOZINHOS

(PORTUGAL)



TELEFONE, 42-M
TELEGRAMAS:
CONSERVAS



APARTADO N.º 4

Codigos:

Bentley's

Particular

Ribeiro

A. B. C. 5.ª ed.
melhorada

Pinhais
Rios

Semper Idem

Cibeles

Edusa

M
A
R
C
A
S

Marinheiro
Sailor

Mascato
Cisne

Yo

LTD. LUTIANA-GAIA



Inglaterra

O Burro continúa pensando...

Por Frederico Duarte, Manchester



O regressar a minha casa, depois de ter ido visitar um amigo íntimo na vizinha cidade de Stockport, fazendo o trajecto a pé, vi-me subitamente no meio de um passeio «apanhado» pelos sons das sirenes anunciando a chegada de aviões inimigos, e, não tive outro remédio

senão o de me ir meter num «Abrigo Público». Ali permaneci completamente sózinho por um espaço de duas horas, e, passei êsse tempo rabiscando estas linhas com a ajuda da minha caneta-tinteiro, a pensar, a pensar, como de costume...

Visualizei a figura esbelta do illustre Doutor Júlio Dantas, passeando na companhia dum amigo dum lado para o outro, do átrio do Franckfort Hotel de Lisboa, enquanto que me encontrava ali a um canto sentado, sózinho, a uma mesa bebendo cerveja Pilsener e fumando

* * *

? Não sabeis o que a última rainha da árabe Granada disse ao seu augusto esposo quando o Cid tomou aquela cidade?

? Não calculais a quem nós aplicaríamos a célebre frase?

Se a frase existe na história, e se se diz que a história se repete, a charada será fácil de solução?

? A quem?

Andorinha

meu cachimbo! Lá fóra as bôcas dos canhões do Castelo de São Jorge despejavam rebuçados em direcção ao Campo Grande. O belo doutor olhava-me de soslaio, pensando lá com os seus botões que era eu naturalmente um «bife»... mas que «bife»!!!

Da última vez que visitei Lisboa, saí dali para Coimbra e por Leixões de regresso à Inglaterra, sendo «mimoseado» com salvas de canhões e... de palmas! Que vida, ai que vida! O que diria o Dr. Júlio Dantas se entrasse neste momento aqui na «Shelter»! E... me ouvisse a tratar de recordar o seu lindo fraseado da «Ceia dos Cardiais»!

Os meus pensamentos levaram-me para o Pôrto, cheio de saudades dos felizes tempos que ali passei, principalmente durante o meu internato no Colégio Nacional, estando-se a aproximar o dia 13 de Maio, aniversário natalício do saudoso amigo e querido director João dos Santos Pereira Pinto. A minha celeberrima noite em que tomei parte nessa festa, actuando como «A Noiva de Alcanhões»!

Os passeios dali até ao liceu, e as jocosas conversas que eu com os saudosos amigos Januário Ferreira e Júlio Armando Moreira tivemos por várias vezes com o celeberrimo poeta Felisberto da rua do Sol!

As terriveis tragédias que me abalaram bastante dos suicídios perpretados por êsses rapazes tão inteligentes e cheios de vida!

O Passeio Alegre da Foz do Douro, onde na época balnear me juntava a um grupo de simpáticos e belos amigos, incluindo os filhos do saudoso Dr. Júlio Cardoso, os irmãos Sarmiento de Beires, o Mário José Felgueiras, o Vaz Passos, o Chico Coimbra, o meu belo patricio Mário

Cambezes, e tantos outros dos quais nunca mais tenho tido notícias vai para tantos anos!

Os «celebérrimos» pic-nics no Rio Leça, os banhos doces que me refrescaram, assim como aqueles tomados nas praias da Foz e Matozinhos! O Leixões Sport Club do qual fui um dos seus primeiros sócios!

As minhas excursões ao Mólhe Norte à pesca de fanecas! E... lá no Douro, na Quinta de Algorja em Portêlo de Cambres, os belos dias que passei na companhia dos saudosos amigos José Soares das Neves, sua Ex.^{ma} Esposa e o querido Dr. Ludgero Neves, que desapareceu tão novo dêste Vale de Lágrimas! Foram êles, pai e filho, que me iniciaram na estrada ideal da Democracia! Educaram-me bem, mesmo muito bem.

Transportando os meus pensamentos de novo para o Pôrto, recordo-me com saudades do amigo Conceição que tão gentilmente publicou por algum tempo no seu «Raio de Sol» os meus Postais de Manchester, dedicados às criancinhas. Os belos amigos do «Sporting» onde apareceram também diversas das minhas crónicas. O meu estimado amigo Dr. Armando Marques Guedes, quando director do «Primeiro de Janeiro», pela sua amizade e coragem que me deu para não arrear e continuar aqui a fazer o que pudei a bem da nossa querida Pátria! O saudoso João Fernandes que por várias vezes se aproveitou dos meus

rabiscos para os incluir na sua interessante secção «Talvez os Leitores não Saibam».

Todos, sem excepção, que comigo puzeram em circulação o famoso «Pontas de Fogo», onde os meus escritos enfureceram certas personalidades devido à minha honestidade e franqueza quando lidei com os meus assuntos.

Os meus amigos Manuel Marques Guedes e sua Ex.^{ma} Esposa, a quem cumprimentei há uns 3 anos em Londres, e que deverão lastimar imenso como eu o saberem que aquele lindo edifício onde assistimos a uma noite histórica da reunião dos Congressistas Mundiais Espiritas, foi completamente destruído pela acção inimiga.

Esses amigos e os novos que tenho agora e que me conhecem «espiritualmente», do «Além», esperando poder continuar a mandar regularmente os meus escritos.

E... finalmente, todos os simpáticos amigos de «Conservas», incluindo os seus assinantes, os quais positivamente que com muita simpatia e sorrisos nos lábios, não terão nenhuma objecção em que estas minhas linhas venham a ser publicadas num dos números dessa sua interessante Revista.

Assim termino, porque me está a faltar o papel há uma certa calma lá fóra e vou continuar a minha jornada....

Espero fazê-la a são e salvo e que se não tenha a dar a possibilidade de... «morrer de morte macaca»!

≡ Crónica da Gran-Bretanha ≡

Por Frederico Duarte, Manchester

Como tivemos já ocasião de mencionar, o nosso colaborador para esta Secção, foi por 4 anos o editor da Secção Portuguesa da «Linguist Review» o Órgão Oficial do Institute of Linguists, de Londres, do qual é ele um «Fellow». Essa sua secção que foi toda ela escrita originalmente pelo nosso amigo, foi considerada como sendo a melhor contribuição numa das linguas estrangeiras das publicadas na dita Revista, tendo muitos dos seus escritos feito rir quem teve o ensejo de os ler. Ora como essa Revista somente circulou por uma meia dúzia de pessoas em Portugal e talvez uma dúzia de outras no Brasil, resolvemos com a permissão do nosso patricio, publicar hoje e nos números seguintes extractos desses seus graciosos e curiosos escritos. Sabemos que a «Linguists' Review» continua a publicar-se, e a que o nosso patricio reassumirá o seu encargo honorário depois de sanado o presente conflito mundial.

Sermões à Porta da Igreja

- 1— Nem só quem entra na igreja vai «à missa».
- 2— Quando o Diabo deseja recrutar almas para o seu Exército, não as vai procurar entre os

mortais que são sérios, conscienciosos, honestos, honrados e trabalhadores.

- 3— A necessidade ou converte um homem honesto em ladrão, ou então um ladrão em homem honesto.
- 4— Se amas sinceramente e com toda a devoção e honestidade possíveis a DEUS sobre todas as coisas e ao próximo como a ti mesmo, não precisas entrar num Templo.
- 5— Só depois de quebrares a casca do ovo é que saberás se está bom ou chôco, posto que a Ciência já te diga ser isso uma velha cantiga.
- 6— Nada com DEUS é impossível, nem mesmo o impossível. Precisamente por isso que a cada passo nos esbarramos contra muito bruto.
- 7— Impossível é cozinhar uma deliciosa omelete com sardinhas, se os ovos se encontram chôcos ou pôdres.
- 8— Será positivamente mil vezes melhor ES-

QUECER e SORRIR do que RECORDAR e CHORAR.

- 9— Há muito melro de bico amarelo que vive numa linda gaiola doirada, tendo como sua companheira uma pardoca empoada.
- 10— Nunca deveremos queixar-nos da galinha que põe ovos muito pífios e aguardados, mas sim de quem a sustenta sem lhe dar milho e outros preparados.
- 11— Se amas profundamente um mulher tendo ela porém uns dentes cariados que lhe não façam devida justiça, leva-a a um bom dentista para lhe pôr uma dentadura postiça.
- 12— Não gastes o teu tempo mal gasto, mas trata sempre de aproveitá-lo de forma a que mais tarde um fruto te possa ser proporcionado, seja em conserva, sêco, com carôço ou então descaroçado.
- 13— As grandes obras do Brasil foram executadas não pela Fôrça, mas sim pela Perseverança.
- 14— Nunca devemos ajuizar e apreciar as pernas duma mulher pelas meias que traz calçadas.
- 15— Se fôres efectivamente um desgraçado, has-de andar neste mundo às aranhas, por muita intelligencia e habilidade que tenhas.
- 16— Um ótimista se é sincero e genuíno, vê sempre uma oportunidade em cada dificuldade.
- 17— A Humanidade segundo diz o Doutor Antonio Cadelas, devia ser sempre guiada pela Razão e não pela Rétorica.
- 18— Quem vive como um ermitão ou se bestializa ou perde a razão.
- 19— O homem «é produzido» pela educação, mas muitas vezes essa com êle acaba na conversação.
- 20— Por muito dinheiro que possuas, ser-te-á impossível comprar o respeito do DOM FUAS.

* *

*

Conselhos do Padre Antonio

Deveríamos viver todos os dias como se êles fossem o termo completo da nossa existência aqui neste mundo.

Um homem que recusa co-operar a bem dos outros, é tão inútil como um diamante na bôca dum cão.

Um cínico conhece muito bem o preço de tudo, ignorando todavia o valor de nada.

E' muito fácil adicionar ou improvisar em tudo aquilo que já foi inventado ou sugerido por outrem.

Há muito pouca gente que possui tudo aquilo de que necessita, e não há ninguém que tenha tudo o que deseja.

Se não sabes tocar nenhum instrumento de música, assobia ou canta, ou então ouve pela Telefonia sem fios muitas patranhas que te transmitem e positivamente te farão rir.

Há muito cão sem ser cão, muita besta sem ser besta, muito burro sem ser burro no que diz respeito à classificação social.

A pobreza não é pecado nenhum. Precisamente por isso que ninguém gosta dela.

Boas acções dão-nos fôrça e coragem, inspiando boas acções aos outros que nos conhecem intimamente.

* *

*

Não sejas nada indiferente
Sobre a Pátria bem distante,
Apesar d'entre tanta gente
Haver por lá muito tratante.

* *

*

Quem me dera poder voar
Para ir todo catita,
Olhando o rosto beijar
Duma mulher tão bonita

Teus olhos são diamantes
Tua bôca de querubim,
Sorrisos mui cativantes
Nada disso é para mim.

Quem não ama uma mulher
Mas sim duas, três ou mais,
Se parece a uma colher
Numa empada de pardais.

Concurso de "IDEIAS NOVAS"

Para o Concurso que «Conservas» está promovendo, cujos designios e condições noutro lugar se referem, recebemos um livro ilustrado correspondendo à 4.ª tese do dito concurso que trata de

«Cuidados especiais na fabricação de Conservas de Sardinha em geral, e especialmente ao salgar, engrelhar, lavar, coser, enlatar e cravar. Principios em que se funda a conservação. Esterilização. Alteração do produto. Higiene. Comércio. Os mestres. A fiscalização.

Êste trabalho tem por lema o seguinte pensamento:

«Eu cantar, cantar, cantei...
E ainda mais cantaria...»

== LITERATURA ==

Atribuições de um conserveiro em Londres

POUCO antes da guerra, um colega nosso foi procurado por um seu amigo que lhe fêz um pedido particular. Uma pessoa das suas relações, conceituado negociante da praça do Porto, precisava de ir a Londres em viagem comercial, mas como não conhecia nem o local nem o idioma, aguardava havia já algum tempo a oportunidade de acompanhar alguém que conhecêsse ambas as coisas e que se prestasse à gentileza de o guiar.

Um seu amigo, que sabia dêste desejo, e teve conhecimento da projectada viagem do nosso colega, veio perguntar-lhe se teria dúvidas em prestar-se ao obséquio que o conceituado comerciante portuense cobiçava. O industrial de Matozinhos, embora lhe não sorrisse muito a perspectiva do estranho companheiro—tinha tido na sua vida duas experiências muito desagradáveis—aquiesceu ao pedido e foi, dias depois, apresentado ao negociante do Porto.

Dêsse primeiro encontro trouxe o nosso colega umas impressões animadoras. O cavalheiro, que devia andar à roda dos cinquenta anos, aparentava qualidades de circunspecção e urbanidade que dispuzeram muito bem o nosso amigo, e mesmo ali se traçou o esquema geral do que se faria na capital inglesa enquanto o negociante do Porto necessitasse dos officios do industrial de Matozinhos.

Embarcaram, por fim, em Lisboa no vapor «Highland Monarch» e, a não ser os habituais incidentes que perturbam as pessoas que viajam pela primeira vez, e que obrigaram o portuense a permanecer no seu *beliche* durante quasi tôda a travessia atlântica, não se registou qualquer facto digno de especial menção na agenda do nosso camarada.

*

Chegados a Londres, alojaram-se no Royal Hotel, de Russell Square, e após um dia dedicado à visão superficial da vida da *city* e actividades circunvisinhas, os visitantes iniciaram os seus trabalhos em harmonia com o programa pre-estabelecido.

Os primeiros dois dias decorreram com relativa tranquilidade; além da insaciável curiosidade do cidadão portuense, que queria saber a razão

de tudo quanto via e estranhava na grande metrópole, nada ocorrera que justificasse os receios íntimos que o industrial de Matozinhos sentira ao receber o convite de guiar aquêle forasteiro. A primeira nuvem a toldar aquella tranquilidade surgiu na manhã do quarto dia e no momento em que o nosso colega inquiria no escritório do hotel se havia correspondência para êle. Um cavalheiro muito insinuante e bem vestido pedia ao nosso amigo com delicadeza e sorriso irresistíveis o favor de lhe conceder uns minutos de atenção no seu gabinete. Era o *manager* do hotel.

Dessa entrevista, que durou efectivamente uns escassos minutos, saiu o industrial de Matozinhos com aspecto de quem acaba de assistir a uma catástrofe. Tão vincada no semblante êle trazia a dolorosa impressão da entrevista, que o companheiro, notando-a, lhe disse:

—O Sr. não vem satisfeito. Aconteceu-lhe alguma coisa desagradável?

—Aconteceu...

O tom estranho em que o companheiro falou tirou ao portuense vontade de prosseguir no interrogatório, e rezolveu calar-se e aguardar uma explicação.

O nosso amigo caminhou durante cêrca de 10 minutos em absoluto mutismo e, ao passar pelos portões do Museu Britânico, disse ao companheiro:

—Entremos aqui...

Áquella hora matutina ainda pouca gente estacionava no amplo átrio de entrada do majestoso museu, e foi num dos assentos laterais da vasta escadaria do vetusto edificio que teve lugar a seguinte conversa:

—?O que é o que o Sr. fêz à criada do quarto a noite passada?—começou o perturbado conserveiro em tom de solêne inquirição.

—Eu?, balbuciou o conceituado comerciante da praça do Porto em voz mal segura e baixando o olhar...

—Sim, o Sr., insistiu o de Matozinhos de olhar severo fixo no outro.

—Eu não fiz nada... porquê? tartamudou o portuense.



—O gerente do hotel chamou-me para me dizer que em virtude de uma grave falta de respeito que o Sr. teve para com uma das empre-



TELEFONE, 458

TELEGRAMAS: LISSADO

NOVA LITOGRAFIA
"SADO", L.^{DA}



ESTAMPAGEM
SOBRE FOLHA
DE FLANDRES

Rua de Brito Capelo

MATOZINHOS - Portugal



FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

LA ROSE

Sardines, thon
et filets de
Maquereaux



FEU HERMANOS
PORTIMÃO — Portugal
Télegrs: FEU — PORTIMÃO

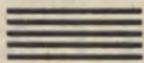
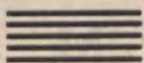
LA REINE DES MARQUES

Farinhas para adubos
e Alimentação de gado

OLEOS DE PEIXE

Endereço
RAFREIS

TELEFONE
344 - M



Fábrica de Farinhas e Oleos de Peixe



Fábrica de Conservas VASCO DA GAMA, L.^{da}

Avenida Menéres, 635
TELEFONE, 119

Matozinhos - Portugal

Telegramas: NAVEGADOR



ARNALDO RODRIGUES PEREIRA

TELEFONE, 97-M

PORTUGAL

Especialidade em máquinas
e ferramentas para a
Indústria de Conservas

●
EXPORTAÇÃO
de sardinhas em conserva nas marcas:

Vasco da Gama
Dolly
Cabralinas
Cabral
Triunfante

■ ■
AZEITES

SARDINES
IN OIL



SARDINES
IN TOMATO

FACOLE -- FÁBRICA DE CONSERVAS LEIXÕES, Lda.
MATOZINHOS
PORTUGAL

REGISTERED BRANDS:



FLORBELA ESPANCA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



TELEGRAMS: FACOLE
MATOZINHOS

TELEPHONE M-359

P. O. BOX 29

Publicidade
Oficinas
Artistas
Reunidos

PORTO-SÓ
DESIRABLE

AVIZ-VÉSPER

FABRICA DE CONSERVAS



HEAD OFFICE
MATOZINHOS
(PORTUGAL)

FACTORY
VILA DO CONDE
PORTUGAL

EDMUNDO FERREIRA



gadas, se vira forçado a transferir-nos para a outra ala do hotel... Alguma coisa muito séria deve ter ocorrido para a gerência do hotel ter de tomar esta decisão.

E como o negociante do Porto continuasse mudo e quedo, o pobre do conserveiro continuou monologando, em voz magoada e lenta, o vexado pezar pela vergonha a que se via exposto. Por fim, o réprobo, querendo pôr termo áquela interminável catilinaria, interpôs:

—Ora imaginem o que aí vai por causa de uma simples brincadeira!...

—Brincadeira! ?Mas a que chama o Sr. brincadeira?—?Que sucedeu, afinal?

Sim, na verdade, a acreditar na história do portuense, aquilo não passara de uma mera brincadeira, se tôda a gente a pudesse ver pelo prisma particular do nosso patricio.

O respeitável tripeiro contou que naquela noite tocára «sem querer» no botão da campainha eléctrica do quarto de banho, e quando a criada bateu à porta e falou (presumivelmente a perguntar se era preciso alguma coisa), êle por sinais indicou-lhe a necessidade de um bocado de sabão. Quando a rapariga voltou com o objecto solicitado, o nosso compatriota, não sabendo como exprimir-lhe o seu agradecimento no idioma de Byron, fez-lhe umas festinhas no pescoço...

—Acha que «isso» era razão para todo êste escarcéu?, interrogou o portuense com o cândido ar de quem foi injuriado?

O seu companheiro dissertou por mais quinze minutos sôbre a psicologia dos ingleses, a sua moralidade, as suas susceptibilidades, os seus costumes, a rigorosa disciplina moral dos seus hotéis e outros estabelecimentos públicos, e recordou ao negociante do Porto tudo quanto lhe havia dito durante a viagem a título de prevenção contra possíveis surpresas no primeiro contacto de um estrangeiro com os aspectos e os costumes britânicos.

A dissertação enervou visivelmente o portuense que já desabafava em bufos e tossidelas a irritação que lhe causava aquêllo apaixonado elogio das incríveis virtudes de um povo com quem êle começava a embirrar sinceramente. O orador calou-se, por fim, e prosseguiram na marcha que os conduzia ao Strand.

A' noite, alojaram-se em novos aposentos situados na parte oposta áquella que haviam ocupado e, durante dois ou três dias nada ocorreu de anormal. O comerciante portuense mostrava-se menos comunicativo, e o nosso colega não demonstrava as sollicitas atenções que nos primeiros dias dispensara ao companheiro. Este falava já com marcado interêsse na sua viagem a

Paris, onde já tinha estado várias vezes, e sempre que aludia à capital francesa nunca deixava de lhe apôr o distintivo: *aquilo é que são terras!* O industrial de Matozinhos corroborava a opinião do outro sôbre a excelência das terras de França, e animava o companheiro no seu projecto de partir para Paris logo que terminasse as suas negociações na capital britânica, negociações que se aproximavam do têrmo comunmente desejado.

Dois dias antes da conclusão dessas diligências, o nosso colega recebeu nova intimação para comparecer no gabinete do *manager* do hotel. O coração presagiou-lhe outra catástrofe. Nessa manhã, o companheiro vestira-se mais cedo e prevenira-o de que «ia indo» para ver umas montras com mais atenção, e combinaram um ponto de reunião em *Holborn*. Tinha sido, era evidente, uma retirada estratégica.

Consternadíssimo, o nosso amigo escutou a comunicação que lhe era feita em tom grave e sêco. Em vista do procedimento incorrecto do seu companheiro, a gerência do hotel via-se forçada a pedir-lhe a sua retirada imediata, e como a gerência presumia que o nosso colega não desejaria abandonar o companheiro, haviam dado instruções para desocupar o quarto. Sugeria-lhes o Hotel Raglan, visinho do Royal Hotel, onde ficariam *mais à vontade*.

Avalia-se facilmente o estado de espírito em que o conserveiro de Matozinhos ficou ao receber aquêlla intimação de despejo. Não obstante a irritação que o consumia, o nosso amigo conseguiu reprimir-se e não relatou ao companheiro o aviso da gerência do hotel senão à hora do jantar num restaurante de Shafetsbury Avenue. O portuense andou todo o dia em suspenso, esperando a todo o momento a reprimenda iminente, e, como esta demorasse, chegou a pensar que nada havia ocorrido que a justificasse. Logo no início da refeição, porém, o de Matozinhos desvaneceu-lhe a esperança.

—Quando é que o meu amigo parte para Paris, perguntou o conserveiro num tom de voz perfeitamente natural:

—Depois de amanhã, talvez... Eu espero ter tudo pronto amanhã, respondeu o outro.

—E' pena que não possa ir hoje...

—Porquê?

—Fômos expulsos do Royal Hotel, e eu não sei se encontraremos hotel que nos receba, se a gerência do Royal informar os outros do que lá se passou, explicou o nosso colega em voz calma e semblante sereno...

Como o interlocutor nada dissêsse e continuasse a comer como quem nada tem a observar, o de Matozinhos continuou no mesmo tom:

—Não quero saber o que se passou... Isso



não me importa. O que me importa é a vergonha que o Sr. me fêz passar e que eu não quero tornar a sofrer. Preveni-o do que poderia suceder a quem não se portasse com a devida correcção nesta terra; apesar disso cometeu a primeira leviandade, cometeu a segunda, mas a terceira, se a quizer cometer, não há de ser na minha companhia. Tive uma ideia... veja lá se concorda com ela.

O Sr. quer regressar por Paris; na estação onde o Sr. tem de embarcar há um hotel; o Sr. pode alojar-se ali esta noite mesmo... eu levo-o lá, trato-lhe da questão do alojamento, e amanhã de manhã vou lá buscá-lo para o acompanhar nas visitas que tem a fazer; que lhe parece?

—Acho que está bem assim, respondeu o outro sem erguer os olhos do prato.

E a refeição prosseguiu sem se aludir mais ao caso.

No fim do jantar, foram num taxi buscar a bagagem ao Royal Hotel e reservar um quarto no hotel da Victoria Station onde ficaram as malas do negociante do Porto, e dali seguiram para o Regent Palace Hotel onde o industrial de Matozinhos marcou quarto e deixou as suas malas. Depois disto deram um grande passeio a pé por Piccadilly, Trafalgar Square, Pall Mall e Victoria Street onde se despediram até à manhã seguinte.

Pontualmente, ás 9 da manhã do dia seguinte o nosso colega foi buscar o companheiro e com êle passou o dia sem qualquer alusão ao incidente que os levára àquêlê divórcio. Conseguiram ultimar até à noite todas as negociações em curso, e ao outro dia de manhã o acreditado comerciante da praça do Porto estava na gare de Victoria Station para seguir para a sua almejada Paris.

Passeando ao longo da plataforma da estação, o portuense, a certa altura, interpelou assim o nosso colega:

—Eu não quero que o Sr. julgue que eu cometi algum crime. Poderemos não estar de acôrdo, lá isso podemos... cada um tem a sua opinião, mas eu não me envergonho do que fiz... não tenho nada de que me envergonhar; há coisas que podem envergonhar um homem, mas dessas estou eu bem livre, graças a Deus. Concorde que o temperamento das pessoas não é todo igual, e que uns gostam de uma coisa e outros gostam de outra... enfim gôstos não se discutem, mas o meu amigo pode estar certo que esta gente é muito hipócrita.

Houve um momento de pausa. O conceituado comerciante do Porto calou-se, esperando certamente que o companheiro quizesse manifestar-se. Como o de Matozinhos continuasse

silencioso, o outro prosseguiu: o que me embaraça é eu não saber o *patois*, mais nada. Soubesse eu falar a língua e o Sr. havia de ver quem eu sou. O Sr. pode saber muito da mentalidade dos ingleses, mas das inglesas, desculpe-me que lh'o diga, não sabe nada. Eu nunca tive dificuldade em fazer-me entender nas terras por onde tenho andado... as mulheres são as mesmas em tôda a parte, tenha o meu amigo a certeza... Acredito que o temperamento das inglesas seja um pouco diferente do das francesas, espanholas ou portuguesas, mas, meu caro, no fundo é tudo a mesma raça; digo-lh'o eu que tenho muita experiência da vida. Quem dera a muitas mulheres que eu as tratasse como tratei êsses «trastes» do hotel... hipócritas!... Realmente se eu as conhecesse melhor, teria andado de outro jeito: mostrava-lhes a «nota» primeiro... o «móni», como o Sr. diz; mas a gente aprende até morrer... nas outras terras não é preciso mostrar-lh'o; elas cheiram-n'o. Se me demorasse



aqui algum tempo mais, eu havia de descobrir o tal «jeito»... Da primeira vez, fui muito delicado; fiz-lhe umas festinhas mas a môça raspou-se sem dizer água vai... da segunda vez, quiz empregar a «gramática» tôda, mas também não deu resultado... se calhar teve medo... eu estava atraz da porta quando ela entrou e, quando me viu, escorregou para dentro da banheira... a banheira estava vazia... ainda aqui tenho no braço a marca da ferradela que ela me deu com o susto... fez um alarido dos diabos. Parece impossível!

Quando cá voltar, a coisa há de mudar de figura. Se eu não pudêr ainda falar, hei de arranjar quem diga duas coisas tezas aos tais gerentes. Eu bem sei o que havia de lhes dizer, mas eu tenho a certeza de que o Sr. não lhe traduziria aquilo que eu dissêsse... Fica para outra vez.

E como o de Matozinhos se mantivesse em mutismo absoluto, o do Porto rezolveu-se por fim a mudar de conversa.

Minutos depois, o comboio de Paris separava para sempre os dois incompatíveis portugueses, e uma semana mais tarde o conserveiro de Matozinhos recebia de Paris um postal em que o portuense aludia a façanhas prodigiosas em que êle figurava como protagonista triunfante, terminando por uma exclamação cujo sublinhado fez várias vezes sorrir o nosso colega:

Isto é que são terras!

=====

**O comerciante português não progride muito
porque anuncia pouco.**

=====

EPIGRAMAS DE BOCAGE

O pai enfermo e o médico

Um velho caiu na cama;
Tinha um filho esculapino,
Que para adivinhações
Campava de ter bom tino.
O pulso paterno apalpa,
E receitar depois vai;
Diz-lhe o velho, suspirando:
"Repara que sou teu pai".

A moléstia e a receita

Para curar febres pôdres
Um doutor se foi chamar,
Que, feitas as ceremonias,
Começou a receitar.
A cada penada sua
O enfermo arrancava um ai!
—Não se assuste, (diz Galeno)
Que inda desta se não vai—
—Ah! senhor! (torna o coitado,
como quem seu fado espreita),
Da moléstia não me assusto;
Assusto-me da receita—.

Conselho a um impaciente

Homem de génio impaciente
Tendo uma dôr infernal,
Pedia, para matar-se,
Um veneno, ou um punhal.
—Não há (lhe disse um vizinho
Velho que pensava bem)
Não há punhal, nem veneno;
Mas o médico aí vem.

A Parca e o médico

—Morte! (exclamava o doente)
Este misero sosorre—
Surge a Parca de repente,
E diz de longe:—Recorre
ao teu médico assistente.

Vingança de médico

Um médico ressentido
De certo seu ofensor,
Ante um amigo exclamava,
Todo abrazado em furor:
—Para punir este indigno,
Este vil, tomára um raio.
Acode o outro:—Há um meio
Muito mais fácil: curai-o.

O récipe

Pôs médico eminente
Em voz alta a receitar.
—Recipe (diz)... de repente
Grita da cama o doente:
—Basta, que mais é matar.

O adeus do doutor

Um médico receitou:
Súbito o récipe veio.
Do qual no bucho do enfermo
Logo embutiu copo e meio.
—Adeus até amanhã,
(Diz o fofo professor)
Responde o doente:—Adeus
Para sempre, meu doutor.

O letrado

Inda novel demandista
Um letrado consultou,
Que, depois de cem perguntas,
Tal resposta lhe tornou:
—Em Cujacios, em Monochios,
Em Pegas e Ordenação,
Em Reinicolas e Estranhos
Tem carradas de razão.
—Sim, sim, per toda essa estante
Tem razão, razão de mais.
—Ah senhor! (o homem replica)
Tê-la-ci nos tribunais?

Título para uns aforismos

Certo Averroes quiz no prelo
Ver seus aforismos juntos.
Pôs-lhes o editor singelo:
—Arte de fazer defuntos.

A cura

Lavrou chibante receita
Um doutor com todo o esmêro;
Era para certa môça
que ficou san como um pêro.
—Tão cêdo! é milagre—(assenta
a Mãe, que de gôsto chora)
—Minha mãe, não é milagre:
Deitei o remédio fora.

Aliança de duas altas potências

Arrumado às duas portas
Pingue boticário estava,
E brandamente acnou
A um doutor, que passava,
Mal que chega o bom Galeno.
Diz o outro em ar fecundo:
—Unamo-nos, meu doutor,
E dêmos cabo do mundo.

IDEIAS

CONCURSO DE

NO intuito de despertar o interesse por alguns problemas de importância vital para a indústria conserveira, a Revista "Conservas" resolveu promover um concurso de ideias a que deu o sugestivo título de "Ideias Novas" na esperança de que algumas novas ideias venham beneficiar a indústria portuguesa de conservas. Para este concurso distribuiremos prémios pecuniários e de arte. As teses do nosso concurso são as seguintes:

1.ª TESE

Os Grémios de Industriais de Conservas.

Estudo crítico do que deveriam ser as suas atribuições e fins (decreto 26.775), assim como da amplitude que a estas se deveria dar, tendo em conta o que a Cartilha do Corporativismo expressa nos seus capítulos: "A Função dos Grémios"—"A iniciativa Privada"—"A Defesa da iniciativa"—"A Riqueza"—"O Capital"—coordenando tudo com sugestões próprias que mais esclareçam o alcance das suas actividades actuais e as possíveis actividades futuras, ou, em resumo: para que os Grémios correspondam com eficácia ao objectivo da sua criação—**Quais deveriam ser as suas atribuições e fins?**

2.ª TESE

A Indústria de Conservas antes e depois da sua organização oficial.

Passado, presente e futuro, em relação com o seu desenvolvimento.

3.ª TESE

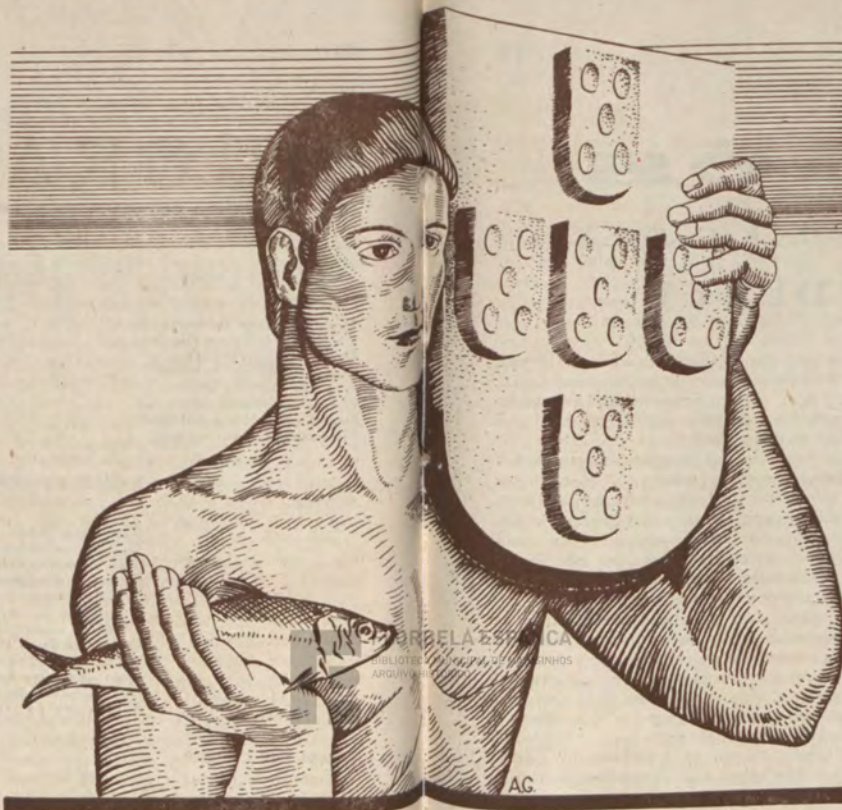
A disciplina da concorrência é a primeira missão dos Grémios.

(Capítulo 42 da Cartilha do Corporativismo).

"Como pode evitar-se a concorrência dos industriais entre si?"

4.ª TESE

Cuidados especiais na fabricação de Conservas de Sardinha em geral, e especialmente ao salgar, engrelhar, lavar, coser,



NOVAS

«CONSERVAS»

enlatar e cravar.—Princípios em que se funda a conservação. Esterilização. Alterações do produto. Higiene. Comércio. Os mestres. A fiscalização.

Convém esclarecer que nesta tese não deve tratar-se do método de fabricação, mas sim dos **Cuidados** inerentes a qualquer método, quando se queira produzir bem. O concorrente pode também fazer menção de processos condenáveis se quiser pô-los em contraste com os melhores.

Fabricar Fôlha de Flandres, tem sido o nosso clamor constante dos últimos tempos. Já antes da guerra esta revista apelou para a boa vontade e iniciativa nacionais a-fim-de se realizar uma aspiração industrial que seria uma das mais brilhantes conquistas deste notável período de ressurgimento nacional: a fabricação de fôlha de Flandres no nosso país.

Neste momento, porém, em que a questão da fôlha de Flandres atingiu a acuidade gravíssima de um problema de importância vital para a economia da nação, a nossa campanha deixou de ser clamor para se tornar num apelo a todos quantos podem contribuir para a instalação em Portugal de uma fábrica de fôlha de Flandres.

E porque este problema é dos mais instantes e oportunos na vida da indústria portuguesa de conservas, esta revista propõe a seguinte tese, com um prémio pecuniário para o melhor trabalho apresentado:

5.ª TESE

Fabricação de fôlha de Flandres em Portugal.

Estudo das possibilidades de instalação. Materiais indispensáveis à montagem de altos-fornos e melhor localização dos mesmos. Aparelhagem necessária e possibilidade de aquisição. Cálculo económico-financeiro, isto é, capital preciso para este empreendimento.

6.ª TESE

"Canto à Sardinha".

Poema em prosa ou em verso com liberdade de expressão no primeiro caso e de metro no segundo.

O Inglês

Por The Rt. Hon. The Earl Baldwin of Bewdley K. G., F. R. S.

IV. CONDUTA E DEVER



AS é duro o acusar-se uma nação de hipocrisia, e vale a pena considerar se há algumas características, comuns entre um povo, que possam dar origem a uma suspeita por parte daquêles que só muito superficialmente o conhecem, que êste vício—porque a hipocrisia é um vício—está generalizado

ou desempenha um grande papel no governo das suas acções.

Perscrutemos pois o espírito Inglês por um momento, e concentrêmo-nos num aspecto particular do seu funcionamento.

Se há duas palavras que vos possam dar a chave da religião laica do Inglês, elas são Conduta e Dever. Em liberdade e por sua própria iniciativa, rebuscou literalmente as Escrituras e, uma vez tendo compreendido a sua dependência do Criador, viu a importância que a sua conduta tinha para Êle e também para o seu semelhante na sua existência de todos os dias: e nelas viu o seu Dever.

Compreende-se que chegados a êste ponto, e quando a nossa crença nos absorve todo o nosso ser, ficaremos continuamente a examinar e a apreciar a nossa própria conduta em assuntos grandes e pequenos. Não descansaremos enquanto não atingirmos a convicção de que um caminho é recto e um outro é errado. E há o perigo de, ou nos tornarmos estreitos e fanáticos, ou desistirmos da luta e nos tornarmos indiferentes. Na verdade ambos êstes casos se têm dado.

Mas esta procura de verdade não foi monopólio dos homens educados e cultivados: foi a atitude de grande número de gente comum, de gente de entre a qual brotou Bunyan que escreveu o «Pilgrim's Progress» que se tornou quasi uma segunda Bíblia para os Ingleses: E daí é que mesmo hoje, quando aqueles tempos de que eu falo já há muito decorreram e são desconhecidos da maior parte da nossa gente, o Inglês não pode escapar à sua hereditariedade. Muitas vezes conscientemente, como outras vezes inconscientemente,

ao procurar reconciliar a Conduta com o Dever, êle não pode decidir o seu espírito a uma acção, particular, política, ou internacional, enquanto não se convencer de que essa acção é justa e que êle possa vê-la à luz do Dever.

No mundo como o conhecemos, tais atitudes raramente são postas em relevo, e êle muitas vezes hesita, parecendo incapaz de tomar uma resolução. Esta incapacidade pode parecer a um espírito claro e lógico como originária de pura estupidez ou de astúcia diabólica: eu não creio que seja nem uma nem outra. Ele pergunta a si próprio onde está o dever a cumprir.

Superficialmente, tal conduta, acompanhada provavelmente por discursos e artigos acentuando a nossa própria ansiedade de fazer o que é correcto e justo, pode exasperar outras nações, e eu tenho toda a simpatia por elas. Sómente lhes peço em troca que tenham por nós a mesma simpatia que sinto por elas.

Uma outra generalização feita contra nós é que não somos intellectuais, que não somos capazes de pensar e que não nos interessam as coisas de espírito, e que, a despeito destas terríveis deficiências, nós ainda conseguimos marchar e ficar muito satisfeitos de nós próprios.

Eu creio que, mesmo se nos confirmarmos ao século passado, Inglaterra não tem ficado notoriamente atrás de outras nações em produzir homens de reputação não só nacional mas também internacional, em todos os ramos da literatura e ciência. Não quero deter-me, como poderia, neste ponto, a comentar no dom de lírica imaginação que o Inglês possui, e que por séculos se tem revestido nos exquisitos poemas que enchem as nossas antologias, um dom que não mostra sinais de desaparecer. Para tratar dêste aspecto da sensibilidade britânica, seria preciso um livro.

Mas eu acho que a acusação é dirigida contra o nosso povo em geral, e eu, na minha qualidade de membro dessa comunidade, procuraria ser uma vez o seu intérprete e defensor. Tomemos por um momento a atitude de um ordinário cidadão britânico em política. Êle não se interessa por teoria política. A sua única pergunta, como faria no caso de uma nova máquina para a sua



oficina, é «dará resultado?» Tem um curioso instinto, desenvolvido em séculos, que lhe diz se dá ou não resultado. Daí, de uma maneira geral, êle faz o desespero do tecelão da constituição intelectual de Moscovo ou Berlim, ou de qualquer outra parte, porque se êle sente que as teorias dêles são inaplicáveis, desinteressa-se pura e simplesmente. Considera como desperdício de tempo os longos argumentos das pessoas que não tenham tido experiência prática do assunto de que falam. E' capaz de utilizar uma parte de qualquer programa que a seu ver «dê resultado» comquanto ainda ignore a sua completa estrutura teórica.

Por exemplo, o homem vulgar não se sente impressionado por gravuras ou quadros de um Estado nacional socializado logicamente completo: mas isso não o impede de adaptar para seu uso muitos pedaços de um programa de origem socialista. Ele desconfia da teoria política, de ser o que êle chama «académico» e não tem confiança em lógica. Tem sempre esta interrogação no seu espírito: «Como é que isto operará?» e ainda: «Isto contribuirá para melhorar ou para prejudicar a preparação de uma Inglaterra melhor?»

Prefere ainda o velho processo de tentar e experimentar, rejeitar e adaptar. Não pode realmente acreditar em qualquer plano já feito que lhe salva os problemas da Conduta e do Dever da solução dos quais depende a seu ver a estabilidade e o bem-estar do seu mundo, e na verdade do mundo inteiro.

Com esta atitude mental e com uma ignorância de países estrangeiros natural num ilhéu, o inglês tem sido muito lento em compreender muitas das alterações dos últimos anos. Mas êle está-se a tornar consciente desta fraqueza: procura informações, e mostra-se ansioso por informação imparcial, ácerca de outros países, e é para mim um auspicioso sinal que êstes estudos estejam dominando os dos problemas económicos que preocuparam o seu espírito nos anos imediatamente posteriores à última guerra. O inglês sentir-se-á mais à vontade aprendendo alguma coisa dos seus semelhantes, pois é fundamentalmente uma criatura humana amigável, cujo sonho é sempre a fraternidade entre os homens. E na sua fantasia infantil, crê que os sonhos algumas vezes são verdadeiros.

Deixem-me acrescentar isto: o inglês vulgar

não é, na comum excepção da palavra, «intelectual». Tem um grande respeito por homens que são mestres da sua classe, quer sejam um Rutherford no seu próprio domínio, ou um chefe



que conhece o seu mister, ou um operário que sabe do seu officio. E não liga importância, ou não se interessa, pelo conselho que lhe possa ser dado por homens, embora distintos, que falem de coisas das quais conheçam comparativamente pouco. Não se interessaria por opiniões minhas (se eu tivesse algumas) sobre Relatividade, e o resultado dos esforços dos

chamados intelectuais para o fazerem um Comunista tem sido o que era de esperar.

Como são difíceis, enfim, as generalizações. São sujeitas a qualificações em todos os sentidos. Se eu tivesse de considerar os livros que tenho lido, especialmente livros feitos por qualificados e competentes críticos, eu chegaria à conclusão de que os meus simples compatriotas são enigmáticos, pois nunca achei uma concordância comum no louvar ou na censura. Parece haver alguma coisa ilusória nêles. Portanto, permitam-me pôr de parte todos o livros e procurar, como frequentemente tenho feito, falar do que eu próprio apurei.

Alves da Silva & Irmão, L.^{da}

Negociantes de Sal grão e miúdo

Representantes Depositários em Matozinhos: Da Fábrica de borracha Luso-

Belga, de anilhas de borracha para tampos de cheio.

De diversos exportadores de conservas, de Lisboa.

De acreditadas marcas de azeites e oleos para a Industria de conservas.

Compram: Retalhos de fôlha de Flandres e Oleos de peixe, aos melhores preços

Chaves: Para abrir latas Comissões e Consignações

332, Av. Serpa Pinto, 338—MATOZINHOS—Telef. 89



A Publicidade é hoje o factor mais importante do progresso de todas as indústrias.



Eat Sardines!

The feeding-power of a tin of sardines

The contents of a tin of sardines is greater in food value than a fillet of beef of the same weight, its heat-giving power being two and half times greater; the quantity of fat is almost four times greater, its mineral components six times greater, and it is also richer in albuminoids. The preserving of sardines in tins has the advantage of not only keeping the aforesaid nourishing qualities with greater facility of digestion than meat, but it also maintains intact the enormous quantity of vitamins and the high proportion of iodine and phosphates.

Notice the results of an analysis effected at the National Institute of Hygiene, which at the same time establishes a comparison between a fillet of beef and the contents of a tin of sardines:

	Fillet of beef	Contents of a tin of sardines
Calories	298,25 gráms.	711,10 gráms.
Water	112,72 >	61,07 >
Fats	17,89 >	61,44 >
Albuminoids	27,03 >	29,22 >
Minerals	1,35 >	7,25 >
Total weight in grams	158,99	158,98

Buy Portuguese Sardines!
They are the best in the world!!
IT IS THE BEST FOOD!!!

Ensino Técnico

O anúncio que aqui demos há dois mezes, de terem sido promulgadas as bases para a instituição do ensino técnico oficial para pescadores e conserveiros, causou, como é natural, imenso júbilo em toda a população que vive das indústrias da pesca e da conserva.

Nêsse diploma se vê a atenção com que o governo português segue o desenvolvimento destas duas indústrias tão importantes para a economia nacional, e a forma clara e objectiva como se apercebe das necessidades que essas indústrias manifestam de um atento e urgente amparo.

A indústria portuguesa de conservas atingiu nos últimos anos um desenvolvimento extraordinário, e o seu progresso caminha hoje a passo acelerado. A qualidade dos nossos produtos, aliada ao cuidado esmerado com que eles são elaborados, conquistou às conservas portuguesas um lugar de primeira ordem no mercado mundial. A acção benéfica do I. P. C. P. e a compreensão dos fabricantes completaram o êxito triunfal da conserva portuguesa nos centros onde ainda há muito poucos anos ela era recebida com certa desconfiança.

Para que a reputação dos nossos produtos se mantenha e radique é forçoso que o Estado dispense às duas indústrias irmãs o carinho que elas merecem. A instrução dos pescadores e o ensino dos conserveiros são elementos essenciais para o futuro sucesso da indústria conserveira portuguesa quando as condições de vida do mundo permitir o restabelecimento da concorrência comercial com que Portugal já por tanto tempo lutou.

Todos os países produtores de conservas desde há muito compreenderam que o ensino técnico dos indivíduos que labutam nos vários ramos dessa produtiva actividade necessitavam de uma instrução especial. E para êsse efeito se foram estabelecendo nêsses países escolas especiais preparando as populações para uma profícua acção técnica.

Matozinhos há muito tempo que viu o problema das escolas profissionais e a necessidade inadiável do ministramento da instrução técnica aos operários da pesca e da conserva, e há já muitos anos que principiou a solicitar do governo português a sua atenção para o momentoso assunto. A notícia a que vimos aludindo, da promulgação das bases officiais em que o Estado se dispõe a ministrar êsses preciosos ensinamentos, enchem-nos de alegria e esperança.

S. J.

Make sure that the name "PEREIRA"

IS ON THE LABEL.



1



2



3



4



5



6



7



8



9



10



11

1—Tinto — Table Wine

2—Clarete — » »

3—Branco — » »

3-A—Branco—Choice Sweet Wine

4—Vermouth-Dry—(French Type)

5—Aperitivo-Quinado—Old Port Wine

6—Vermouth-Sweet — (Torino Type)

7—Brandy "Pereira"—"★★★★"

8—Reserva — Old Port Wine

9—Lacryma Christi—Old Port Wine

10—Espumante Natural—(Dry)

11—Espumante Natural—(Demi-Sec)

José Pereira da Costa

ESTABLISHED 1848

13, RUA INFANTE D. HENRIQUE

OPORTO-(Portugal)

Telex: "COSTIRMÃO"
OPORTO

Telef. 5913

THE PRESERVES OF THE



REGISTERED BRANDS:

Conserveira
Ourem
Jofemar

C. P.
Jacome

Suez
Fafe
Defeza

ARE POPULAR ALL OVER THE WORLD

RUE SOUSA AROSO
RUE BRITO CAPELO
MATOZINHOS

TÈLÈPH. 357-M

Adresse Tèlègraphique:

"CONSERVEIRA"

MATOZINHOS

SOCIEDADE ZICKERMANN

S. A. R. L.

LISBOA

Rossio, 3

PÔRTO

Av. dos Aliados, 64

IMPORTAÇÃO

FOLHA DE
FLANDRES
ARAMES PARA
CHAVES
ARCOS DE FERRO
ESTANHO
CHUMBO
AÇOS FINOS
« PHENIX »

EXPORTAÇÃO

CON-
SER-
VAS

— END. TELEG. GAZICKMANN —

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

MOVIMENTOS INDUSTRIAIS POR CORRENTE **RENOLD**

SOLUÇÃO IDEAL
DE TODOS OS
PROBLEMAS DE
TRANSMISSÃO
DE FORÇA,
COM AS MÁXIMAS
GARANTIAS DE

SEGURANÇA
E
ECONOMIA

ORÇAMENTOS
GRÁTIS

AS MELHORES
REFERENCIAS



Harker, Sumner & C.^a, L.^{da}
152, Rua Jos Falcão, 156 || 14, L. Corpo Santo, 18
— PORTO — || — LISBOA —

Juan Perez Lafuente

Salazones e Anchovados

Filetes e rôlos
de anchovas
em azeite



R. Brito e Cunha, 653

MATOZINHOS

PORTUGAL

Cables: "JUPERLA"

Polpa de Tomate

Da quinta de
Espadeiros
CARAMUJO



Depósito em
Matozinhos

LUIZ VIANA

TEL. 42-M

◆ POLVO DE CALDEIRADA-LULAS DE CALDEIRADA ◆

Sardinha do Algarve, L.^{da}

CONSERVAS DE PEIXE EM AZEITE, TOMATE E SALMOURA

TELEG.: SARDINHA

OLHÃO

TELEF. 22

Marca recomendada **Margarete**

SARDINHAS EM AZEITE PURO DE OLIVEIRA

◆ FILETES DE PEIXE AROMATIZADOS-SARDINHAS EM LIMÃO ◆

SARDINHAS DE CALDEIRADA

SARDINHAS A PORTUGUESA

CONSERVAS PRADO, L.^{DA}

USINE DE SARDINES A L'HUILE ET A LA TOMATE

Marques déposées:

Prado

Faina

Barbosa

Farnel

Merenda

Box



R. Brito Capelo, 1055-1061

Matozinhos

PORTUGAL

TÉLÉPH. 327-M

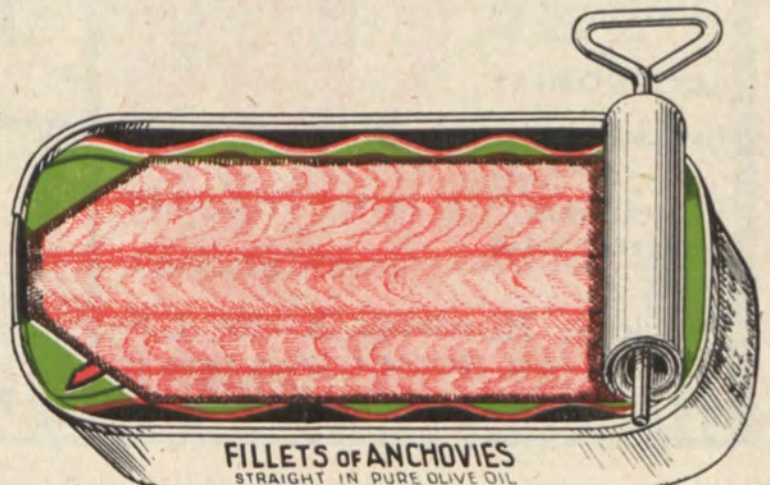
TÉLÉGR. PRADO

Boîte postale N.º 27

Botelhos & C.^a

MATOZINHOS

PORTUGAL



FILLETS of ANCHOVIES
STRAIGHT IN PURE OLIVE OIL

A Exportação de Peixe Conservado pelo Sal

Exposição apresentada
ao I. P. C. P. referente
à exportação de Peixe
Conservado pelo Sal

É do teor seguinte a representação que os industriais salazoneiros enviaram à Direcção do Instituto Português de Conservas de Peixe:

Ex.^{mo} Snr. Presidente do

INSTITUTO PORTUGUÊS DE CONSERVAS DE PEIXE



S industriais de salga de peixe, tendo conhecimento de que o I. P. C. P. se occuparia da situação que lhes foi criada pela portaria n.º 9685 de 20 de Agosto de 1941, e não podendo intervir nas decisões do Conselho, pois nenhum dos industriais de salga é Presidente

de Grémio, de modo que o Conselho resolve sobre a indústria da salga sem que nos seus estudos e deliberações intervenham os interessados, vêm por este meio fazer chegar ao conhecimento de V. Ex.^a e do Conselho Geral as suas razões e os seus pedidos.

A portaria n.º 9685 de 20 de Agosto de 1941 dispõe:

- 1.º — Fica dependente de autorização do Ministério da Economia, a conceder nos termos da portaria n.º 9670 de 21 de Outubro de 1940, a exportação de peixe conservado pelo sal.
- 2.º — As licenças de exportação de peixe conservado pelo sal serão passadas pelo I. P. C. P.

Su'eita portanto esta portaria o comércio de peixe de salga a um regime, que é sem dúvida altamente prejudicial para a referida indústria, e talvez desnecessária a medida no todo ou em parte, pelo menos para a consecução de fins que podem interessar à Economia Nacional.

As nossas razões são as seguintes:

A subordinação das exportações e licenças individuais cria uma incerteza permanente sobre a possibilidade de exportação, porque aquelas podem ser concedidas ou recusadas.

Esta incerteza actua sobre a indústria, visto que o peixe compra-se e trata-se sobretudo para o mercado externo que absorve talvez dois terços ou mais da produção nacional.

A média anual das exportações anda por

6.500.000 kgs. que corresponde a mais de 340.000 caixas de sardinhas em môlhos.

Mas como a indústria tem de trabalhar com alguma certeza, passa esta a reduzir-se ao campo do mercado nacional, a indústria actual terá de reduzir as suas unidades ou volume de cada uma delas, os capitais investidos e os braços occupados.

Poderá dizer-se que o mercado nacional se ampliará em virtude da rarefacção de outras espécies alimentares, mas em primeiro lugar o mercado interno está acostumado ao peixe frêsko que o desenvolvimento dos transportes torna de mais fácil aquisição e, por outro lado, em qualquer caso a indústria de salga perderá a melhor valia dos preços externos; e, por fim, perderá até o mercado cuja conquista exigiu muitos anos, muito esforço, muitos capitais, e que talvez não seja fácil reconquistar.

Em conclusão: a simples incerteza na concessão das licenças actua sobre a indústria da salga em sentido depressivo e coloca-a em subordinação completa à indústria de conservas de môlhos.

- 3.º — Examinemos agora os objectivos da medida tomada e vejamos se elles podem atingir-se sem se criar à indústria da salga uma situação muito grave.

Dois objectivos se podem apontar:

- a) — A necessidade de abastecimento do País;
- b) — O desenvolvimento da indústria de conservas de môlhos.

- 4.º — Examinemos o primeiro.

Compreende-se que a rarefacção de espécies alimentares impunha um regime especial ao destino da produção alimentar interna. O abastecimento nacional prevalece sobre todo e qualquer interesse público ou particular. Mas esta razão, a existir, deve actuar sobre todas as indústrias numa repartição equitativa de sacrificios, e por consequência igual regime deveria existir para todas as conservas.

Mas mais. Como a indústria de Salga actua só com matérias primas nacionais aquela necessidade deveria impôr o seu desenvolvimento pois actua liberta de qualquer ajuda estrangeira e é de mais fácil aquisição. Certamente o produto não

é tão rico, mas em épocas calamitosa como esta a regra é viver com o necessário e não com sumptuário.

Por consequência, a necessidade de abastecimento do mercado nacional não pode ser invocada para condicionar o exercício do comércio da exportação nos termos da portaria.

5.º— Pode apresentar-se outra razão: A necessidade de desenvolver a indústria de conservas de mólhos no sentido de melhorar a balança do comércio.

A conserva de mólhos é mais rica—vale mais por unidade na exportação por conter mais produtos e mais trabalho nacional.

Por consequência, o seu desenvolvimento implica melhoria da balança do comércio e êste objectivo é de valia excepcional. Por outro lado, consumindo azeite ajuda o desenvolvimento e a colocação da produção oleícola e, ocupando mais braços, contribui para a solução do problema do trabalho nacional.

Estas razões são indiscutíveis, mas é necessário trazê-las ás suas devidas proporções e ao mesmo tempo notar que a indústria das conservas em mólhos trabalha com matérias primas importadas.

6.º— Examinêmos a questão tendo em vista que com a medida se pretende assegurar trabalho aos operários das fábricas de conservas durante a época do defêso por meio da filetagem. Ora a êsse respeito foram já tomadas as seguintes providências:

Pela circular n.º 160 do I. P. C. P. de 15 de Janeiro de 1938, foram os industriais de conservas de mólhos autorizados a exportar conservas salgadas sem que aos industriais de salga fôsse permitido exportar quaisquer outras conservas.

A medida não pareceu justa, e de facto o não era, e por isso a circular n.º 340 de 1 de Fevereiro de 1940 veio reconhecer razão aos reparos dos industriais de salga que obtiveram o direito de filetar peixe e de o exportar embora, em contrapartida, os industriais de mólhos obtivessem o direito de salgar o peixe que filetassem.

Quere dizer: a indústria de conservas de mólhos pode hoje salgar o peixe necessário à filetagem, e, sendo assim, não se compreende que se crie à indústria de salga uma situação que afinal não é outra senão a de entregar o seu peixe à indústria de conservas.

7.º— Pode ainda supor-se que esta subordinação da indústria da salga à das conservas de mólhos se justifique na alta que o peixe obtem na lota em virtude da concorrência da indústria da salga. Não pode porém daqui extrair-se qualquer

fundamento sério. Em primeiro lugar, a indústria da salga trabalha com sardinha de inferior qualidade, e depois, se o peixe obtem na lota maior valôr, não se deverá extrair daí qualquer argumento, pois isso significa que a indústria da pesca se remunera convenientemente, pondo-se fim a reclamações e protestos dos pescadores que não encontravam no seu trabalho provento suficiente.

8.º— Mas examinêmos a questão em concreto. A indústria da filetagem trabalha com sardinha e com biqueirão.

A sardinha é relativamente abundante e a indústria da salga trabalha em regra com sardinha de inferior qualidade e só compra sardinha de boa qualidade quando a venda excede a capacidade de aquisição da indústria de mólhos. Aqui não se vê por isso razão para a entrega ás fábricas de conservas de mólhos, pois estas não devem trabalhar com a sardinha que a indústria da salga emprega segundo a regulamentação existente.

Por isso em relação à sardinha nenhuma razão poderá invocar-se.

9.º— Quanto ao biqueirão. Como a indústria de conservas pode salgar o biqueirão que lhe é necessário não se vê também razão para que ela exija o que lhe falta à indústria da salga. Porque o não compra na lota e porque o não trata? Dir-se-ia que conta o trabalho da indústria da salga para o utilizar na sua

filetagem e portanto que a considera como uma indústria inteiramente dependente e subordinada.

Ora esta subordinação não parece justa porque desprende aquela indústria dos mercados externos e portanto dos preços externos.

Como se há-de fixar o preço d'ora avante?

Por outro lado como a indústria da salga passa a fornecer as matérias primas à indústria de conservas de mólhos esta exigirá que as matérias sejam cada vez mais baratas para poder trabalhar em melhores condições embora em prejuizo da salga. Mas o mal não está só aí. Como a indústria da salga passa a trabalhar para a indústria de conservas esta obtem uma matéria prima que leva dezoito meses a dois anos a preparar e por cuja demora nada paga, não tendo por seu lado a indústria da salga o direito de warrantar, ao contrário da indústria de conservas de mólhos que pode warrantar os seus produtos.

10.º— Também não se pode argumentar para justificar a medida com o fundamento de que a salga exportada é depois filetada pelo estrangeiro—o italiano—e

FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS



SOCIOLOGIA

A FÁBRICA DO SR. BATA

A larga conversa trouxe-nos evocações de Praga, das admiráveis perspectivas de Masaryk e dos seus gloriosos oitenta anos...

— Creio que no dia em que o nosso querido velho nos faltar — disse o nosso amigo professor tcheco — e se houvesse um plebiscito popular, seria Tomás Bata o sucessor de Tomás Masaryk na presidência da República

— Bata? Tomás Bata? Quem é êsse homem?

— Um sapateiro!

— Um sapateiro?...

— Sim, um sapateiro, tal como Masaryk era um ferreiro. Masaryk foi atraído pela filosofia e pela sociologia, enquanto que Bata nunca deixou de fazer sapatos. E' certo que à fôrça de os fabricar, e para poder desenvolver a sua produção, êle se converteu em sociólogo e quasi filósofo... ?Não conhece o sistema de Bata?...

* * *

Tomás Bata é filho de um humilde sapateiro de Zlin: Desde pequeno trabalhou na oficina paterna. Nos dias do mercado ia êle à praça vender algum par de sapatos aos labregos. Zlin era então uma pequena povoação rural, perdida

no fundo do vale entre os fertéis campos moravos e as pobres montanhas da Eslovaquia. Teria talvez uns 3.000 habitantes. Hoje, passam de 20.000. ?Porquê? ?Qual foi a causa de tão rápido crescimento? Foi que Bata, revelando uma extraordinária personalidade, soube transformar a tripeça caseira na maior fábrica de calçado da Europa, empresa colossal em que actualmente trabalham mais de 12.000 operários.

Êste homem, que se fez por si mesmo, fez também o seu povo, convertendo-o de uma aldeia humilde numa cidade industrial próspera.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO

A «Revista Internacional do Trabalho» publicou recentemente uma memória sôbre o sistema Bata e as suas conseqüências sociais. Tanto se falou e discutiu acêrca dos métodos originais de produção praticados nessa fábrica, que o Bureau de Genebra decidiu enviar ali o Sr. Paul Devinat para que lá, no próprio terreno, fizesse um estudo detido e uma informação objectiva. O resultado foi uma interessante memória acêrca das «Condições de Trabalho numa empresa racionalizada».

exportada para a América, concorrendo aí com a filetagem portugêsa. Com efeito, e em primeiro lugar, a Itália não pode hoje exportar para a América; depois, as condições actuais não permitem que aquêle país exporte produtos alimentares para países ricos. Se exportar o peixe em salga há-de exportá-lo em condições de preços compatíveis com a vida difícil dos mercados que pode atingir. Por último, e supondo normalizada a vida europeia ela encontrará a salga suficiente em outros centros piscatórios.

Mas se a indústria de conservas de mólhos necessita de biqueirão porque se não dirige à indústria da salga?

11.º — Em conclusão:

A necessidade de autorização prévia de exportação prejudica extraordinariamente a indústria da salga.

a) — Pela incerteza que estabelece.

b) — Porque coloca a indústria da salga na dependência absoluta da indústria das conservas de mólhos.

12.º — Mas há ainda um ponto para que queremos chamar a atenção de V. Ex.ª.

E' o do respeito pelos contratos firmados no estrangeiro quanto à exportação de sardinha e biqueirão — contratos documentados.

A suspensão ou a anulação de tais contratos só se compreende em caso de necessidade e abastecimento da Nação, e essa necessidade não existe.

Bata chegou à racionalização da sua indústria não como fruto de uma teoria mas sim pela experiência da realidade. O seu sistema consiste essencialmente em dividir a fábrica em 250 serviços autónomos, cada um com os seus próprios recursos, a sua contabilidade separada, os seus próprios lucros ou perdas. Os operários, além do salário, têm uma participação nos lucros, participação esta que não depende só da marcha geral de toda a fábrica, empresa enorme em que o trabalho individual é um elo da gigantesca engrenagem, mas muito principalmente do êxito de cada um de êsses serviços autónomos, dessas reduzidas secções onde, por sua vez, cada trabalhador pode verificar a importância do seu esforço pessoal.

«Está a ver a ideia? E' a oficina familiar encaixada dentro da grande indústria. E' o ambiente de cooperação do pequeno atelier com as vantagens que a gigante maquinaria e a divisão científica do trabalho proporcionam à indústria moderna.

«O principio director da organização Bata é a transformação da mentalidade do operário preso ao seu salário numa mentalidade de colaborador da empresa». A fábrica tem muito desenvolvidas as suas instituições sociais e pedagógicas. Possui duas escolas maternas, uma creche para crianças, consultório médico: uma farmácia, cursos de puericultura, refeitório infantil, bairro de casas baratas, residências de aprendizes, um sanatório, campo de jogos, uma orquestra e dois cinematógrafos que funcionam todas as tardes com uma sessão ás 5 e outra ás 7 horas.

* * *

«Não passe o sapateiro acima da chinela»?... Não. Apeles não tinha razão ao pretender que o sapateiro só poderia julgar a sandalia. Profundando em qualquer especialidade chega-se aos problemas gerais. Bata não precisou de sair da indústria do calçado para apresentar algumas das mais importantes questões da vida social, da vida humana.

Uma crítica se pode fazer, e essa já se fez, ao sistema Bata. Como patrão, conserva de um modo exclusivo e absoluto o governo da fábrica sem admitir que os operários, que participam dos seus lucros, participem também da direcção da empresa. O dono é quem a orienta técnica e moralmente. Não tem a seu lado um organismo da representação operária porque o próprio «Conselho da fábrica», impôsto pelas leis tchecas, exerce um papel preponderante nas oficinas de Bata.

No mundo, em troca, a indústria evoluciona desde o regime absolutista, em que o patrão mandava sem limitação nenhuma, até ao regime constitucional, que regulamente o governo da empresa, até chegar ao regime futuro em que o patrão e operários colaborarão numa democracia do trabalho.

De todos os modos, a obra de Bata merece ser conhecida e estudada. Essa fábrica imensa em que cada serviço é autónomo e todos êles cooperam e se harmonizam não nos dá uma ideia do que poderia conseguir-se, em escala muito maior, se também cooperassem e se harmonizassem os diversos centros de produção, não só dentro de um país mas também internacionalmente, racionalizando a fábrica Europa ou a fábrica Mundo?...

* * *

!Ainda há tanto por fazer!... No ano 1923 produzia Bata 8.000 pares de sapatos por dia; no ano 1924, 11.000 pares; no de 1925 produzia 25.000 pares; no de 1928 fabricava 75.000 pares diariamente.

O exemplo é animador. Em todo o mundo, segundo calcula o próprio Bata, produzem-se 900 milhões de pares de sapatos por ano! Porém, há 2.000 milhões de seres humanos sobre a terra!... Não é preciso pensar muito para compreender que mais de metade dos homens andam ainda descalços.

J. Diaz



ALVARÁ
DE
CONSERVAS
DE
PEIXE
COMPRA-SE

Carta à Redacção a T. J.

F. M. LINO DA SILVA, LIMITADA

FABRICANTES -- EXPORTADORES DE CONSERVAS DE PEIXE

PROPRIETÁRIOS DAS ACREDITADAS CONSERVAS

«LINO DA SILVA»



FÁBRICA E ESCRITÓRIO:

Rua General Gomes Freire

Telefone n.º 358

SETÚBAL

Teleg.: AMORAS — Porto
Código NIBEIRO

TELEFONES Estado B
Expediente 328 e 1805
Filial: Leixões 12 M.

A. J. Gonçalves de Moraes, L.^{da}

TRANSITÁRIOS E AGENTES DE NAVEGAÇÃO
CASA FUNDADA EM 1894

EXPEDIÇÕES
COMISSÕES
CONSIGNAÇÕES
DESPACHOS, ETC.

SÉDE:
Rua da Nova Alfandega, 18
PORTO

FILIAL:
Rua Carvalho Araújo, 1
LEIXÕES



Lopes da Cruz & C.^a, L.^{da}

Rua Brito e Cunha n.º 513 a 541
MATOZINHOS - Portugal



Com Fábricas em:

Matozinhos

Vila do Conde

Secção de Pesca:

RUA BRITO E CUNHA, 566 a 572

Hors d'œuvre Sans "Sagrália" pas complet

Sardines exquisas...
quelques marques célèbres

"SAGRÁLIA" - "TORRES"
"MARIÁZINHA" - "SALVE"
"JOSIRES" - "ONDINA"
"BALIO" - "MINHO"

ADRESSE:

Empresa de Pesca e Conservas
"SAGRADA FAMÍLIA"
Mr. JOSÉ DA SILVA TORRES
RUA DE BRITO CAPELO
MATOZINHOS (Portugal)



FLORBELA ESPANCA

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



Conservas
LOPES COELHO DIAS
MATOSINHOS - PORTUGAL

PRESERVED FOODS IN PURE OLIVE OIL
BRANDÃO & C.^A, LIMITADA

MATOZINHOS—PORTUGAL



Azeites, azeitonas, aves, caças, carnes, frutas, doces, hortaliças, legumes, tomate e massa de tomate, pickles, mariscos e todos os peixes além de sardinhas em azeite e em tomate, com pickles, com limão, com pimenta, sem espinha, etc., etc.

BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
 ARQUIVO HISTÓRICO

Olive Oil—Olives—Poultry—Game—Meats—Fruits—Sweets—Greens—Vegetables—Tomato and Tomato Paste—Pickles—Shellfish



SARDINES in olive oil and in Tomato, with pickles, with Lemon, with Pepper, Boneless etc. etc. etc.

BRANDÃO & C.º. LIMITED

P. O. Box 33

Telegraphic Address: VARINA—Matozinhos

SARDINGAY

SARDINES

IN OIL AND TOMATO



Just try one... please



FLORBELA ESPANHA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
MUSEU HISTÓRICO



Silva Gay & Campelo

Matozinhos - Portugal

Telegraphic address:

SARDINGAY - MATOZINHOS



NO decurso de negociações trocadas entre a classe dos industriais de Matozinhos e um grupo de exportadores de Lisboa houve mosquitos porcordas. Não que essas negociações tivessem carácter violento ou incidentes menos correctos; mosquitos por cordas é uma metáfora com que se pretendeu marcar o carácter excêntrico do negócio que se pretendia levar a efeito.

E' que no capítulo de negócios conserveiros êste marcou uma data histórica pelo seu ineditismo.

A certa altura dessas negociações, alguns dos outorgantes sentiram-se poetas e largaram a fazer versos com rima mais ou menos afevida pelas regras clássicas. Temos aqui uma amostra dessas poesias parturejadas por um dos conspicuos industriais de Matozinhos que, sentindo-se pejado de ideias alevantadas que ninguém parecia disposto a assimilar, disse os seguintes versos:

Um dia numerosos Conserveiros
Ousados, mas de trato muito fino,
Partiram, como intrepidos guerreiros
P'ra meter na ordem o Justino.

Sôa a voz de atacar—lance imprevisto!
(O rebelde, a sorrir-se prazenteiro)
Puxaram das espadas... e vai disto
Vibraram-lhe um golpe mui certo.

Mas na luta o rebelde lá descobre
Que os atacantes preferem o morrer
E não recuar. Oh attitude nobre!
Então rezolveu deixar-se vencer.

Venceram! Oh imortal glória!...
Agora, no mar, ondas miudinhas
Andam cançadas, em busca de sardinhas
P'ra lhes cingirem os louros da vitória.

!Água mole em pedra dura!...

Tôda a gente nos diz que se torna inadiável o estabelecimento de uma medida-padrão para o peixe que se transaciona na lota, mas não basta que «tôda a gente» proclame essa urgente necessidade. E' indis-

CASOS

E

COISAS

pensável que essas vozes deixem de fazer reparos de efeito platónico para passarem a fazer exigências. E' rialmente preciso exigir uma prática honesta e regular. Em Setúbal emprega-se o *milheiro* de sardinhas para o tráfico comercial da lota, e dessa forma prática já o industrial sabe que um certo formato de determinado *moule* leva um número conhecido de peixes.

Se em Matozinhos se pode fazer melhor, legisle-se.

A actual fiscalização do I. P. C. P. na esfera fabril de Matozinhos tem sido louvada por muita gente. Embora tal rigor fiscal não fôsse necessário, porque os industriais da nossa terra têm a consciência dos seus deveres, e o brío do seu bom nome, os cuidados do I. P. C. P. provam o seu desvêlo pela manutenção do renome das conservas portuguesas, e demonstram aos nossos clientes que os produtos portugueses são dignos da sua confiança.

Tal fiscalização constitue uma espécie de selo de garantia.

O anúncio é hoje a mais poderosa alavanca do comércio e da indústria.

INSTRUÇÕES A OBSERVAR EM CASOS DE ATAQUES AÉREOS

JUSTIFICAÇÃO

As Direcções da ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DO PORTO e da ASSOCIAÇÃO INDUSTRIAL PORTUENSE e a Comissão Directiva da UNIÃO DE GRÉMIOS DE LOJISTAS DO PORTO, compreendendo o alto interesse e a flagrante oportunidade das concisas instruções formuladas pelo Comando Geral da Legião Portuguesa, através dos seus serviços de Defesa Contra Ataques Aéreos — tomaram, de comum acôrdo, a resolução de reuni-las em opúsculo e fazer a sua distribuição, a-fim-de tornar possível a cada um dos seus filiados o seu estudo e, de um modo especial, a sua consulta permanente.

Oferecendo e divulgando as presentes Instruções, e formulando o vivo desejo de as ver rigorosamente observadas, os dirigentes dos referidos Organismos julgam ter cumprido o seu dever perante os sagrados interesses da NAÇÃO.

— Que todos os trabalhadores, seja qual fôr a sua posição no conjunto da vida nacional, possam — cumprindo — dizer o mesmo!

A PÁTRIA MERECE-O SEMPRE E, NESTE MOMENTO, EXIGE-O

Pôrto, 19 de Agôsto de 1941.

I — Instruções a observar pelo pessoal das fábricas, no caso de bombardeamento aéreo.

1.º — Em cada fábrica ou oficina deverá estar organizada uma brigada de D. C. dirigida por um engenheiro ou mestre, e, quando possível, com a seguinte constituição:

- equipa de incêndios e vigia de fogo;
- electricista;
- médico ou enfermeiro e equipa de socorros a feridos;
- outros elementos.

2.º — Sinal de alerta. — O sinal de alerta indica a eminência dum bombardeamento aéreo. Não cessará por isso o trabalho. A brigada de D. C. partirá a ocupar os seus postos e todos os demais se conservarão nos locais de trabalho, em laboração. Para todo o movimento no exterior da fábrica, à excepção do das brigadas de D. C. O sinal de alerta será transmitido pelas sereias ou sinetas das intalações fabris, logo que isso seja ordenado e pela forma seguinte:

pelos pessoal das fábricas, dos estabelecimentos comerciais e industriais, dos hotéis e pensões, pelas viaturas em trânsito e, finalmente, pelos habitantes das cidades e vilas, se os aviões utilizarem bombas incendiárias.

Edição da União de Grémios de Lojistas do Pôrto -- 1941

Sereias — toques curtos durante 3 minutos;
Sinetas — rebate durante o mesmo tempo.

3.º — Ocultação de luzes e outros clarões. — Serão tomadas disposições pelo director da brigada de D. C. para que sejam ocultadas tôdas as luzes e clarões, que possam ser vistos do exterior. Esta ocultação é independente do sinal de alerta e deve ser posta a funcionar, sempre que isso fôr ordenado pela Direcção de D. C.

4.º — Durante o bombardeamento. — O trabalho prosseguirá mesmo durante o bombardeamento, a ninguém sendo permitido afastar-se dos locais de trabalho.

Confiai no trabalho da brigada de D. C.

5.º — Equipa de incêndios. — Terá um efectivo variável com a importância das instalações, com um mínimo de 4 homens. Desta equipa serão destacados os vigias de fogo que se colocarão sôbre os telhados e outros pontos de onde possam observar tôda a área da fábrica, determinando os pontos atingidos pelas bombas incendiárias e acorrer ou comunicar a outros para que aí acorram, prontamente. Junto de cada vigia ficarão mais dois homens da equipa de incêndios.

O vigia de fogo, estará munido duma pá para bombas, um rôdo, e um balde com areia; os que estão próximo dêle terão junto de si, além do material idêntico, mais uma bomba portátil e dois sacos com areia sêca.

Junto das ombreiras das portas, do lado exterior, nos arruamentos, sôbre os passeios, serão colocados sacos com terra, para serem lançados sôbre as bombas, no caso delas caírem próximo.

Onde quer que a bomba incendiária caia, procurar-se-á remove-la imediatamente com a pá,

para local onde não tenha nas suas proximidades materiais a que possa pegar fogo, lançando-a para a rua ou para o balde com areia. Se a bomba cair na rua ou em local onde não faça dano, cobrir-se-á com terra. *Não nos devemos acercar da bomba, de pé, mas sim rastejando*, para nos furtarmos à acção do calor, que desenvolve.

Não se deve lançar água sobre a bomba, a não ser em jacto pulverizado das bombas portáteis, que tenham para isso agulheta com ponteira própria.

6.º—Equipa de socorro e Pôsto de Socorros.—Em cada instalação fabril ou oficina, existirá um Pôsto de Socorros com médico ou enfermeiro e uma equipa de maqueiros para levantamento e transporte de feridos.

Existirá igualmente uma ambulância ou automóvel ligeiro adaptado a êsse fim, para evacuações rápidas de doentes e feridos que careçam de tratamento nos hospitais.

7.º—Equipas de desobstrução.—Constituídas por trabalhadores, organizar-se-ão equipas para desobstrução dos locais atingidos pelas bombas explosivas, transporte de materiais de de demolição, escoamentos e, eventualmente, para refôrço das equipas de incêndios.

8.º—Serviços de água, luz e fôrça motriz.—Consoante a importância das instalações, organizar-se-ão equipas de 2 homens para assegurar o funcionamento dos serviços indicados, procedendo às reparações indispensáveis para que o trabalho não sofra interrupção.

9.º—Fim de alerta.—O sinal de fim de alerta indica que passou o perigo da eminência do bombardeamento. Será dado, *quando isso for ordenado pela Direcção de D. C.*, pelo toque de sireias em toques prolongados durante 3 minutos ou de sinetas, em toque festivo, durante o mesmo tempo. A brigada de D. C. retomará os seus trabalhos habituais.

II—Instruções a observar pelos estabelecimentos comerciais e industriais, na defesa contra bombardeamentos aéreos.

1.º—Ocultação de luzes.—A ocultação de luzes destina-se a eliminar as referências a que a observação aérea possa aproveitar para determinação dos seus objectivos. E' determinada logo que os ataques aéreos se tornem possíveis e deve ser acatada por todos com o maior rigor. Nada tem com os sinais de alerta e fim de alerta que definem a eminência do ataque ou que o seu perigo imediato já passou. *As horas de ocultação de luzes são diariamente fixadas pela Direcção de D. C.*

Consegue-se a ocultação das luzes interiores das residências e estabelecimentos, cobrindo os caixilhos com estores ou cortinas de tecido espesso negro, e fechando as portas das janelas; cobrindo as clarabóias; protegendo os vestíbulos de entrada com cortinas duplas afastadas uma da outra; pintando de negro as portas grandes, etc. A vida no interior dos estabelecimentos e residências continuará, tornando-se, no entanto, *indispensável que do exterior se não veja o mais pequeno raio de luz.*

2.º—Sinal de alerta.—Êste sinal é dado por sireias em toques curtos, durante 3 minutos, ou pelo toque a rebate de sinos, durante o mesmo tempo, e indica que o bombardeamento está eminente.

Nada tem com a ocultação de luzes, por que esta verifica-se sempre, enquanto que o alerta indica a eminência do ataque.

Durante o período de alerta não é permitido qualquer movimento nas ruas, que não seja o das brigadas de D. C. Todos devem recolher a suas casas ou aos seus estabelecimentos, fechando-os.

3.º—Precauções a tomar.—Para evitar que os vidros das janelas, portas e montras se estilhassem pela acção do sopro das bombas, serão recobertos com um entrançado de fitas de papel ou de pano, de 2 cm. a 3 cm. de largo, coladas sobre êles com os extremos pregados às couçoeiras e travessas dos caixilhos. Êsse entrançado, em malha de 5 cm. a 8 cm. de lado, segurará os pedaços de vidros quebrados, impedindo que sejam projectados. Nos grandes vidros de montras poder-se-ão colocar, para evitar que se quebrem, esticadores de arame ou espias de aço, dispostos em diagonal, fixos nos extremos ao aro e assentes, na parte central, sobre um calço de borracha pelos lados de dentro e de fora; também se poderão cobrir as montras com taipais de madeira a que se deixa, na parte central, uma janela de 20 a 30 cm. de lado, para que os artigos em exposição possam continuar a ser observados do exterior.

A preocupação dominante será conservar à vida o seu aspecto normal.

Nos estabelecimentos comerciais e industriais, ocupando todo um edificio ou grande parte dêle, ficará a cargo do seu pessoal, sob a direcção e responsabilidade do proprietário, a defesa contra bombas incendiárias. Em cada um dos estabelecimentos se constituirão brigadas de socorro, em caso de incêndio, que de constituição variável com a importância das instalações, não terá efectivo inferior a três pessoas cada uma.

Ao sinal de alerta, uma brigada vai ocupar o último pavimento do edificio e destaca um dos seus elementos para o telhado ou terraço para que aí fique a observar os pontos atingidos pelas

bombas incendiárias. Se alguma bomba cair no telhado, corre imediatamente sobre ela e, com os meios de que dispõe (uma pá de ferro para bombas, um rôdo e um balde com areia) procura remover a bomba lançando-a à rua ou para dentro do balde. Se a bomba atravessou a cobertura e se meteu no fôrro ou passou ao último pavimento, avisa os restantes elementos da brigada e ajuda-os a remover a bomba e a extinguir o incêndio que ela propague. A brigada dispõe, para isso, de uma pá de ferro para bombas, um rôdo, dois baldes com areia e outro com água, uma bombinha portátil, um extintor e dois sacos de areia

Nos diferentes pátios da escada do prédio e ao nível dos andares, deverão existir, também, baldes com areia e com água, extintores e bombinhas portáteis. Se o incêndio não for dominado rapidamente, serão chamados, quanto antes, os socorros dos serviços de incêndios, telefonicamente ou enviando um mensageiro ao Posto mais próximo.

Quem procurar remover um bomba incendiária, não o deverá fazer de pé, mas sim rastejando, para se furtar ao calor, que desenvolve, quando arde.

Todos deverão ter conhecimento exacto dos locais onde estão instalados e dos números dos telefones dos serviços de D. C. que protegem o Sector a que pertencem, para rapidamente os poderem chamar, se os meios de que dispõem não forem bastantes.

E' de aconselhar que à porta de cada estabelecimento sejam colocados do lado de fora, um ou dois sacos com terra, para que, na rua, possam ser lançados sobre as bombas que ali caíam.

Durante os bombardeamentos deveis afastarvos das janelas ou portas e trabalhar protegidos por uma parede.

4.º — Fim de alerta. — O sinal de fim de alerta é dado por silvos longos de sereia ou pelo

toque festivo de sinos, durante três minutos. Indica que o perigo eminente de bombardeamento passou.

Restabelece-se a vida normal da circulação nas ruas, mas, de noite, mantém-se a ocultação de luzes.

III — Indicações a observar na utilização das viaturas em trânsito durante os exercícios.

Para ocultar as luzes das viaturas serão os seus faróis apagados, à excepção dos esquerdos e apagadas também as luzes interiores ou substituídas as suas lâmpadas por lâmpadas de fraca intensidade pintadas de azul (caso dos carros eléctricos e caminhetas).

Os faróis das viaturas, que fiquem acesos, serão pintados de preto ou azul, com camada espessa de tinta, que não deixa passar qualquer raio luminoso, abrindo-se, na parte de baixo do vidro do farol, uma fenda ou orifício para permitir a passagem dum raio luminoso, que ilumine na frente, até à distância máxima de 3 metros.

Em vez de pintura, poderão os faróis ser cobertos com persianas que projectem a luz para a frente e até àquela distância máxima de 3 metros.

Todos os metais pulidos das viaturas, serão embaciados ou pintados de azul ou negro.

Para facilitar o trânsito, impedidos os choques, serão as pontas dos guarda-lamas e as partes mais avançadas e as mais recuadas das viaturas, pintadas de branco. Só com estes dispositivos será permitido o movimento nocturno de viaturas.

Ao início de alerta, tôdas as viaturas ocuparão imediatamente os locais onde menos trânsito causem ao deslocamento das viaturas de socorro, e aí ficarão abandonadas, até ao sinal de fim de alerta.

(Conclue no próximo número)

Arlindo de Souza Vinagreiro

Sardinhas em Salmoura e prensadas

Anchovas em Salmoura

Rua Conde S. Salvador, 55 a 59

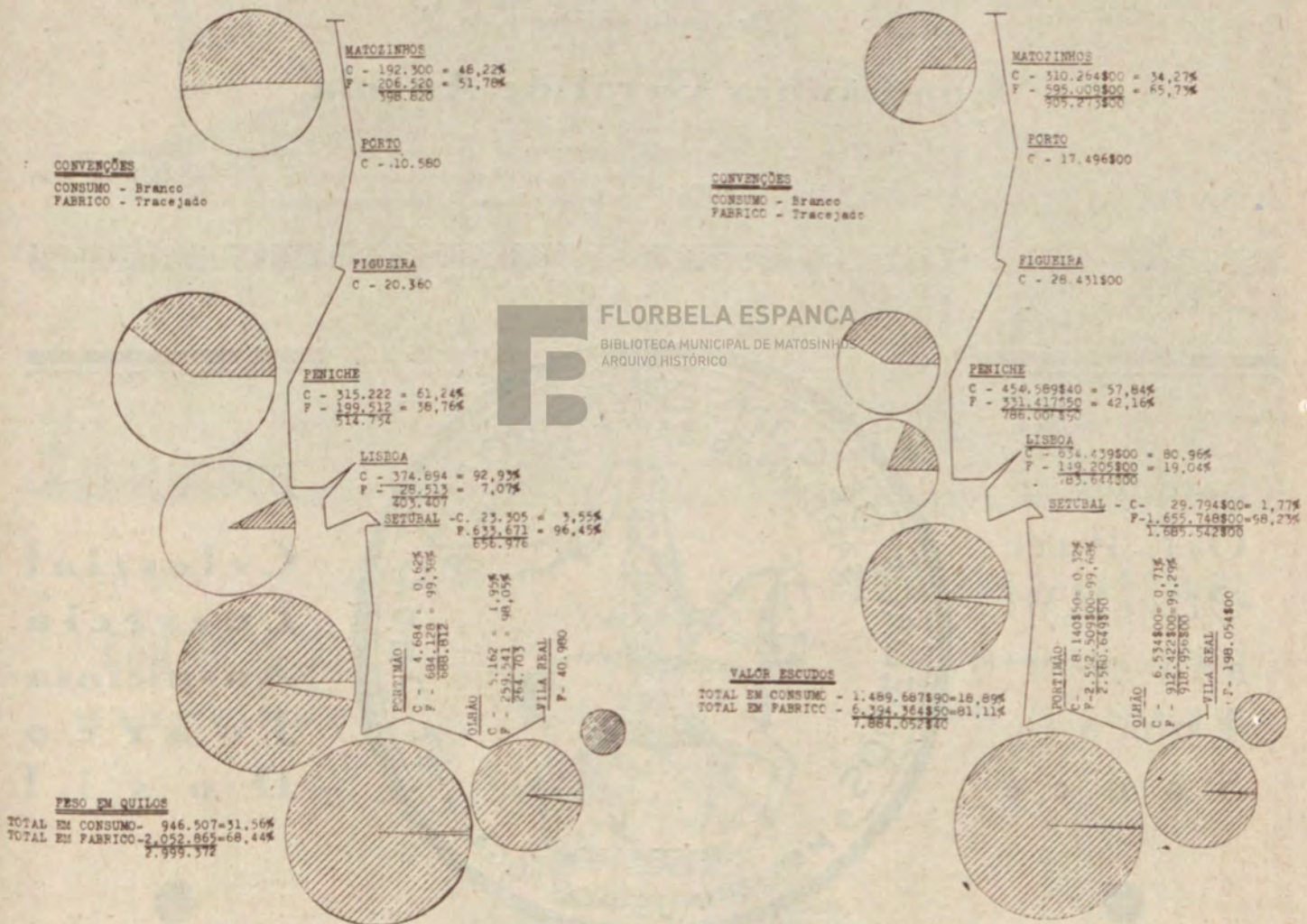
MATOZINHOS

PORTUGAL

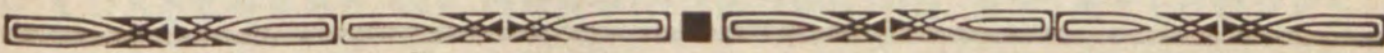
Telefone, 165-M

End. Telegráfico: LINDO

Pêso e valor da sardinha pescada nos principais centros do País, no mês de Julho de 1941, e destinada ao consumo ou ao fabrico



E FLORBELA ESPANCA
 BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
 ARQUIVO HISTÓRICO



António Rodrigues de Souza

DESPACHANTE
OFICIAL
NA

Telefones n.º 35, 159 e 24-M — Endereço Telegráfico: «ANTOS» — Leixões
Escritório: CAIS DO MOLHE NORTE

Delegação de Leixões

LEÇA DA PALMEIRA — LEIXÕES

Delegado no Pôrto da

Companhia Geral de Angola

ESCRITÓRIO NO PORTO:

R. SÁ DA BANDEIRA, 107-1.º - Telef.: 5976

Despachos de vapores, navios e mercadorias. Armazéns no Cais do Molhe Norte para recolha de mercadorias. Barcagens entre Leixões e Douro. Fretamento de embarcações.

Sardines in
Oil, Pure
Olive Oil
and —
Tomato
Sauce



BRANDS:
Celestial
Lucrecia
Auspiciosa
Joarco
Dosil

558, AVENIDA MENÉRES, 578

MATOZINHOS—Portugal

Teleph. 83—P. O. Box 16

Cable Address: JOARC



TELEGRAPHIC ADDRESS:

"CONTINENTAL"

MATOZINHOS

PRESERVED SARDINES

IN OIL AND

IN TOMATO



CONSERVAS DE SARDINHA IGUAIS ÀS MELHORES

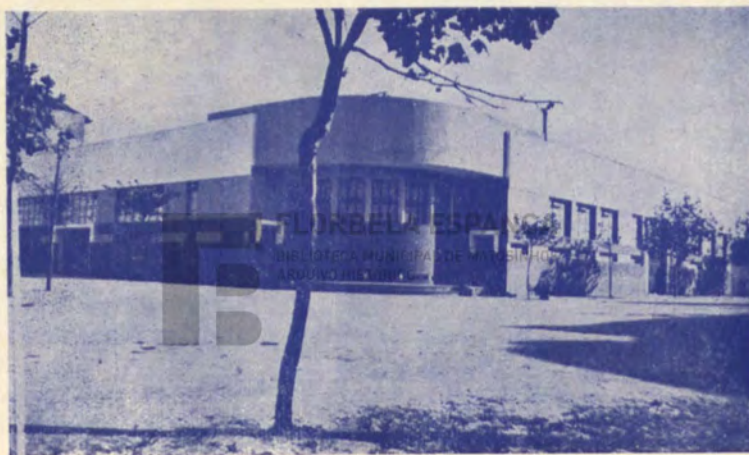


SOCIEDADE INDUSTRIAL DE CONSERVAS MATOZINHOS, LIMITADA

Cable address:

SICMA
MATOZINHOS

MATOZINHOS
PORTUGAL



SARDINE PACKERS
IN OIL AND TOMATO

REGISTERED BRANDS:

SICMA • SELVA
TABY • BRITANIA

If you care for quality--look for "Sicma" brands.



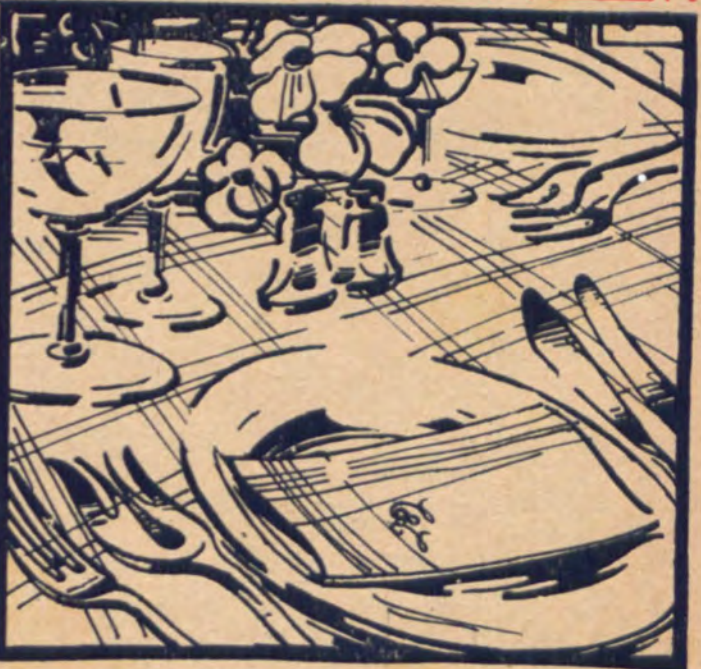
FUNDADA EM 1920



MARCA REGIST.

Casebre

FLORBELA ESPANCA
 INDUSTRIA MUNICIPAL DE MATOZINHOS
 AV. DO REI D. JOAO I



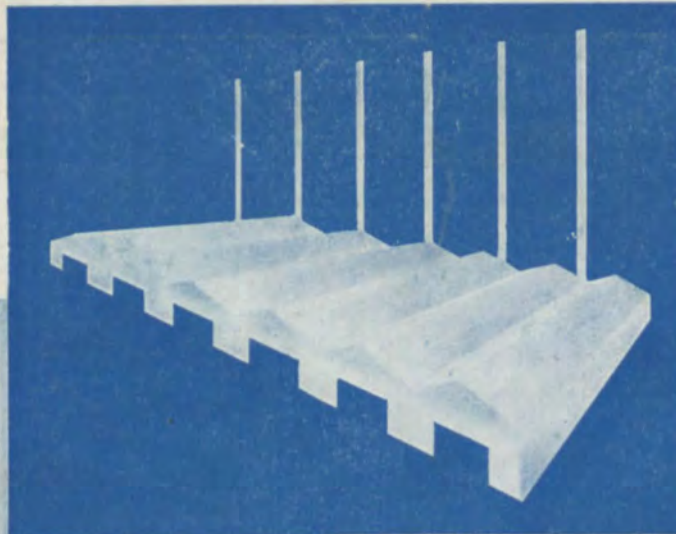
ALGARVE EXPORTADOR

CONSERVAS : REVISTA MENSAL DA IND
RES FL PR 664.95(05) CON




097813

SIÈGE A



 MATOSINHOS

 NAZARETH

 PENICHE

 LISBOA

 SETUBAL

 LAGOS

LAZARO

6 MARQUES PRINCIPALES

N I C E
NICETTE
C I N E
FLORA
CORAL
TRIADE

RENOMMÉE MONDIALE



FLORBECA ESPANHA
BIBLIOTECA MUNICIPAL DE MATOSINHOS
ARQUIVO HISTÓRICO



6 GRANDES USINES AU PORTUGAL

LISBOA • SETUBAL • LAGOS • PENICHE • NAZARETH • MATOSINHO

CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE • CONSERVES DE SARDINES À L'HUILE